

DO PAPEL ÀS PISTAS



Do papel as Pistas

Enzo Cipriano Garcia

Publicação Independente, 1a. ed., Limeira, São Paulo, Brasil, 2025.
© 2025 Enzo Cipriano Garcia

Supervisão e edição: Prof. Dr. André Franceschi de Angelis
Faculdade de Tecnologia
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Nota sobre Autoria e Inteligência Artificial

Este livro é o resultado de um projeto de pesquisa de iniciação científica para Ensino Médio que explora o uso de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) como uma ferramenta no processo de escrita criativa. O objetivo principal do projeto foi investigar como esses sistemas avançados de IA poderiam auxiliar autores humanos na geração e no aprimoramento de textos.

Como parte de nossa investigação acadêmica, utilizamos diligentemente ferramentas de detecção de plágio e fizemos o nosso melhor para respeitar os direitos de propriedade intelectual existentes. No entanto, uma parte do conteúdo foi gerada com o auxílio de LLMs. É importante reconhecer que os dados usados para treinar esses modelos são vastos e, em muitos casos, não são totalmente divulgados. Portanto, não podemos fornecer uma garantia absoluta de que nenhuma parte do texto gerado infrinja, sem nosso conhecimento, a propriedade intelectual de terceiros.

Este livro deve ser visto não apenas como uma obra criativa, mas também como uma documentação desse processo de pesquisa. É um produto tanto da criatividade humana quanto da colaboração tecnológica, refletindo a natureza complexa e em evolução da autoria na era da inteligência artificial.

A Note on Authorship and Artificial Intelligence

This book is the result of an undergraduate research project directed to High School students exploring the use of Large Language Models (LLMs) as a tool in the creative writing process. The project's primary goal was to investigate how these advanced AI systems could assist human authors in generating and refining text.

As a part of our academic investigation, we have diligently used plagiarism detection tools and made our best efforts to respect existing intellectual property rights. However, a portion of the content was generated with the assistance of LLMs. It is important to acknowledge that the data used to train these models is vast and, in many cases, not fully disclosed. Therefore, we cannot provide an absolute guarantee that no part of the generated text unknowingly infringes upon the intellectual property of others.

This book should be viewed not only as a creative work but also as a documentation of this research process. It is a product of both human creativity and technological collaboration, reflecting the complex and evolving nature of authorship in the age of artificial intelligence.

História

Título: Do papel as Pistas

Capítulo 1.

O campus estava vibrante no primeiro dia. O sol da manhã iluminava os prédios modernos e os jardins bem cuidados, enquanto os corredores e praças eram tomados por uma energia pulsante. Alunos novos e veteranos circulavam com entusiasmo, alguns reencontrando amigos, outros ainda tentando entender onde ficavam suas salas. Eu ainda estava tentando me acostumar com a ideia de finalmente estar na universidade. Havia sonhado com esse momento por tanto tempo, mas agora que estava ali, tudo parecia um tanto surreal.

O cheiro de café fresco se misturava com o aroma das árvores e do asfalto que aquecia sob o sol. As vozes animadas ecoavam pelos corredores, e os grupos de estudantes, espalhados em bancos e gramados, já discutiam novos projetos, trocavam informações sobre professores e compartilhavam expectativas para os semestres que viriam. Logo pensei: "Já estão pensando em projetos, em equipes, e eu nem sei direito por que escolhi esse curso". Meu coração acelerou por um momento. Me senti completamente perdido, como se estivesse entrando em um universo que já funcionava em alta velocidade e eu ainda estava na fase de aquecimento. Tudo parecia tão grande e, ao mesmo tempo, um pouco assustador.

Havia acabado de ser aprovado para Engenharia Mecânica, uma escolha que fiz mais pela afinidade com matemática e física do que por uma certeza absoluta de paixão pela área. A excitação de estar ali se misturava com um nervosismo constante. Seria capaz de acompanhar o ritmo? Conseguiria fazer amigos? E se eu descobrisse que esse não era o meu lugar? Perguntas e mais perguntas martelavam na minha mente enquanto caminhava devagar, tentando absorver cada detalhe do ambiente ao meu redor.

Minha mochila estava mais pesada do que o normal. Não por causa dos livros (ainda não tinham sido distribuídos), mas porque eu carregava comigo um monte de expectativas. Expectativas minhas, dos meus pais, dos meus professores do ensino médio que acreditavam no meu potencial. Eu sabia que a universidade seria um desafio intelectual, mas não tinha certeza de onde me encaixaria nesse novo mundo. Sentia como se estivesse em um mar imenso, sem ainda ter encontrado um porto seguro. Respirando fundo, decidi que a única forma de descobrir era seguir em frente, um passo de cada vez.

E agora, parado no meio daquele campus agitado, eu me perguntava se tinha escolhido o caminho certo. A resposta ainda era um mistério para mim. Então, como não sabia direito o que fazer, fui direto para a sala, esperando que algum professor aparecesse para apresentar o campus e falar um pouco sobre o curso.

Porém, não foi nada do que eu imaginava. Assim que entrei, percebi que a sala estava tomada por alunos mais velhos. Eram os veteranos que estavam ali, não os professores. Eles tinham organizado diferentes bancadas, cada uma representando um projeto do curso. No começo, achei estranho. Mas logo percebi que não era apenas uma apresentação qualquer — eles estavam ali para recrutar novatos, tentando convencê-los a participar de seus projetos.

A sala estava lotada. Com os 80 alunos recém-aprovados tentando se movimentar pelo espaço apertado, tudo parecia um caos. Eu caminhava devagar, olhando os títulos dos projetos, tentando encontrar algo que despertasse meu interesse. Até que meus olhos pararam em uma bancada específica.

"Equipe de Automobilismo."

Fiquei paralisado por um instante. Me aproximei um pouco mais, tentando confirmar se eu tinha lido certo. Meu coração acelerou. Era isso mesmo? Dentro do curso de Engenharia Mecânica, existia uma equipe que trabalhava com carros de corrida?

Desde pequeno, eu sempre gostei de assistir corridas. Lembro bem dos domingos em que meu pai e eu nos sentávamos no sofá, ele com uma xícara de café na mão, os olhos fixos na tela, comentando cada ultrapassagem, cada decisão estratégica das equipes. Para ele, não era apenas um esporte; era uma arte. Eu gostava de ver os carros velozes, as disputas eletrizantes, mas nunca tinha parado para pensar no que acontecia por trás daquilo. Enquanto ele falava sobre aerodinâmica, torque, desgaste de pneus e eficiência energética, minha mente se perdia no brilho das pinturas dos carros, no som ensurdecedor dos motores, na emoção pura da velocidade.

Lembro de um dia específico, quando perguntei casualmente ao meu pai por que certos carros pareciam mais rápidos que outros, mesmo com motores parecidos. Ele sorriu, ajeitou-se no sofá e começou a me explicar sobre o efeito solo, sobre como o design dos carros influenciava sua aderência na pista. Ele falava com tanta paixão que, por um momento, achei que fosse mágico. Mas, para mim, aquilo tudo era complicado demais. Eu assentia, fingindo entender, e logo voltava minha atenção para a corrida em si, para a adrenalina das ultrapassagens. Naquele tempo, eu não tinha ideia de que a engenharia era o verdadeiro coração daquele espetáculo.

As memórias dos domingos com meu pai voltaram com força. A voz dele, explicando detalhes técnicos que eu nunca entendi, parecia ecoar na minha cabeça. Pela primeira vez naquele dia, senti um lampejo de familiaridade no meio de toda aquela novidade. Talvez eu não soubesse exatamente por que tinha escolhido Engenharia Mecânica. Mas, de repente, algo dentro de mim me dizia que aquele poderia ser o começo de uma resposta.

Fui em direção da bancada, sentindo meu coração acelerar a cada passo. O simples fato de ver aquele estande com o nome *Equipe de Automobilismo* já mexia comigo. Assim que cheguei perto, uma menina me recebeu com um sorriso amigável e se apresentou:

— “Bom dia! Meu nome é Ana, estou no segundo ano do curso e faço parte da equipe de corrida da universidade. Sou mecânica e coordenadora da equipe. Quer que eu te explique rapidinho como funciona?”

Ela falava com confiança e empolgação, e de imediato me encantei com a sua beleza. Mas, naquele momento, meu interesse estava todo voltado para a equipe.

— Claro! Sobre o que se trata exatamente? — perguntei, tentando conter minha animação.

Com uma voz doce, Ana começou a explicar:

— Nós somos uma equipe que começou as atividades no ano passado. Nossa ideia é criar um time competitivo para disputar o campeonato regional. No ano passado, estávamos focados em conseguir patrocinadores e recursos para construir o carro, e felizmente conseguimos. Agora, este ano, vamos desenvolvê-lo e estamos precisando de um novato dedicado e interessado em aprender para integrar a equipe.

A maneira como ela falava era bem sistemática, quase como se tivesse decorado cada palavra. Achei até engraçado. Devia ter repetido esse discurso para várias outras pessoas antes de mim. Mas isso não tirava a seriedade do que ela dizia. O que ela falava fazia todo sentido. E a cada palavra dela, minha vontade de entrar para o time só aumentava.

Decidi mostrar meu interesse fazendo algumas perguntas, tentando deixar claro que eu realmente queria fazer parte daquilo. Foi então que meus olhos se desviaram para trás dela e percebi um motor exposto para exibição. Ao lado dele, um cara estava sentado, mexendo no celular, com uma expressão entediada, como se não quisesse estar ali.

— Esse motor... vocês desenvolveram ele do zero ou pegaram pronto de algum lugar? E como ele funciona? — perguntei, curioso.

Assim que terminei a pergunta, o garoto ao lado de Ana levantou-se e se aproximou. Tinha um sorriso confiante no rosto e parecia satisfeito com a minha pergunta.

— “Bom dia, menino! Qual é o seu nome?” — perguntou, me encarando com um olhar amigável.

— “É Enzo” — respondi, um pouco tímido, mas curioso.

— “Bom, Enzo... De todos os calouros que passaram aqui nesta bancada, você foi o único que perguntou algo sobre o projeto. Gostei disso. Vou te apresentar, com o maior prazer, tudo o que você quiser saber.”

Sorri, animado. Ele tinha um jeito carismático e parecia saber muito sobre o assunto.

— “Como eu perguntei antes... esse motor, vocês desenvolveram ele?”

— “Não, na verdade, pegamos um motor usado de um carro que iria para ferro velho, é o mesmo usado em competições. Só precisamos restaurá-lo e aprimorar para usar nas competições — explicou, com um brilho nos olhos, claramente orgulhoso do trabalho que estavam fazendo.”

— “Ah, entendi. E a universidade dá apoio para vocês, ou vocês têm que se virar sozinhos? — questionei, querendo entender melhor como as coisas funcionavam.”

— “A faculdade nos ajudou a encontrar patrocinadores e nos deu uma pequena bolsa inicial para começar o projeto. Além disso, nos cederam um espaço um pouco abandonado aqui no campus, que é onde fica nossa oficina. A gente já ajeitou o lugar, e agora é nosso local de trabalho. Mas, fora isso, todo o resto depende da gente. Estamos nos virando como podemos.”

— “Caraca, que incrível! E como faço para entrar na equipe? — perguntei, sentindo minha animação crescer ainda mais.”

Miguel coçou a cabeça, pensativo.

— “A princípio, pensávamos em fazer uma seleção para ver quem estava mais interessado, e pelo visto, até agora, você foi o único que demonstrou vontade. Mas ainda vamos esperar para ver se aparecem mais candidatos...”

Ana, no entanto, interrompeu Miguel e sorriu para mim:

— “Acho que, se continuar com esse entusiasmo, já pode se considerar parte da equipe.”

Notei que Miguel hesitou um pouco antes de concordar, mas acabou cedendo.

— “Isso mesmo. Se você se dedicar e estiver disposto a aprender, já pode se considerar parte da equipe. Mas ainda precisamos definir a lista oficial dos integrantes para este ano. Até lá, a gente te avisa.”

Saí dali radiante. Durante toda a semana, cada vez que via Ana e Miguel nos corredores, fazia questão de conversar com eles. Eu queria garantir que eles não esquecessem do meu interesse e, ao mesmo tempo, me tornar mais próximo deles. Cada interação me fazia sentir mais parte do grupo, mesmo que ainda não fosse oficialmente.

Com o passar dos dias, fui ganhando mais intimidade com ambos. Miguel sempre me cumprimentava com um tapa no ombro e alguma brincadeira sobre como eu já estava praticamente morando no estande da equipe. Ele tinha um jeito descontraído, mas eu percebia que levava o projeto muito a sério. Às vezes, quando não estava tão atarefado, parava para me contar histórias sobre as dificuldades que enfrentaram no início da equipe, as noites quebrando a cabeça ajustando os desenhos do projeto, os momentos de frustração quando algo dava errado e toda a burocracia que tiveram que passar para convencer o diretor a dar bolsas para os membros. Comecei a perceber que, por trás daquela postura carismática, ele era extremamente dedicado e fazia de tudo para que o time desse certo.

Com Ana, minha relação se tornou ainda mais natural. Sempre que nos encontrávamos, ela sorria e me fazia alguma pergunta sobre o curso ou sobre meus interesses, como se quisesse me conhecer melhor além da oficina. Em uma dessas conversas, acabamos falando sobre nossas bandas favoritas e descobrimos que tínhamos gostos musicais parecidos. Isso virou uma espécie de piada interna entre nós—toda vez que passávamos um pelo outro, ela soltava o nome de alguma música para ver se eu conhecia. Aos poucos, percebi que gostava da companhia dela não apenas pelo fato de ser parte da equipe, mas porque era simplesmente divertido estar com ela.

No dia da entrega da lista dos novos integrantes, acordei mais animado do que nunca. Assim que cheguei à faculdade, fui direto até Ana para perguntar se eu tinha sido aceito. Ela apenas sorriu de forma misteriosa e disse:

— Vai para sua sala. A gente vai até lá anunciar os nomes.

Obedeci, mas passei o dia inteiro ansioso, esperando por aquele momento. Então, na aula da tarde, Miguel e Ana entraram na sala e pediram licença ao professor.

— Acho que muitos não me conhecem, mas sou o Miguel, da equipe de automobilismo da universidade — começou Miguel. — Estou aqui para anunciar o nosso novo integrante da equipe que está nessa sala.

Naquele instante, tive certeza de que iam me escolher. Eu era o único que tinha demonstrado tanto interesse! Mas então Miguel disse:

— Lucas, parabéns, agora você faz parte da equipe de automobilismo da universidade!

Fiquei incrédulo. Senti meu estômago afundar. *Lucas? Quem diabos era Lucas?*

Quando olhei para Ana, vi que ela me encarava com um olhar de pena. Mas, ao mesmo tempo, não parecia arrependida da escolha. Só mais tarde descobri que Lucas tinha passado em segundo no vestibular e era um dos alunos mais inteligentes da turma. Talvez esse tenha sido o critério de escolha.

Após o término das aulas, Ana veio falar comigo. Ela explicou que, por mais que eu tivesse demonstrado interesse, Lucas tinha sido escolhido por sua inteligência. Porém, ela me deu um fio de esperança:

— No ano que vem, provavelmente abriremos mais uma vaga. Se você continuar estudando e se preparando, terá uma chance real de entrar.

Ana ainda se ofereceu para estudar comigo sobre engenharia automobilística, o que me deixou ainda mais motivado. No início, eu achava que seria apenas algumas dicas rápidas, mas logo percebi que ela estava realmente comprometida em me ajudar. Durante um mês, nós nos encontrávamos quase todos os dias na biblioteca da faculdade. Ela sempre chegava com um caderno cheio de anotações e, com paciência, explicava conceitos que para mim pareciam impossíveis de entender sozinho.

Nos primeiros dias, eu me sentia um pouco perdido com tantos termos técnicos e fórmulas, mas Ana tinha um jeito incrível de ensinar, transformando aquilo que parecia complicado em algo mais acessível. Quando via que eu travava em algum assunto, ela fazia piadas ou me desafiava com pequenas questões para tornar tudo mais leve. Com o tempo, estudar ao lado dela deixou de ser apenas um esforço para aprender e virou um momento do dia que eu realmente esperava ansioso.

Aos poucos, comecei a perceber que meu interesse não era só pela engenharia... mas também por Ana. Ela era dedicada, paciente e, além de tudo, linda. Cada vez que ria das minhas dificuldades ou bagunçava os cabelos ao tentar me explicar algo mais complexo, eu sentia que minha atenção estava dividida entre os livros e a pessoa incrível que estava ali ao meu lado.

Certo dia, cheguei à faculdade e vi Ana discutindo com Miguel no corredor. Algo parecia tenso, mas, quando a conversa terminou, ela saiu sorridente. Fui até ela e perguntei o que tinha acontecido, mas ela apenas disse:

— Espera um pouco, já já você vai entender.

Passei a manhã inteira curioso. Então, no intervalo do almoço, Miguel e Ana me pararam no corredor.

— Ei, Enzo... lembra do Lucas? Então, ele está fora da equipe — anunciou Miguel.

Demorei alguns segundos para processar a informação, até que percebi o que aquilo significava.

— Caraca... se ele saiu, então... eu estou dentro?

— Exatamente — Miguel confirmou. — Como o Lucas saiu, temos uma vaga sobrando, e eu e a Ana decidimos que você deve ocupá-la.

— Mas... por que ele saiu? — perguntei, ainda confuso.

— Ele passou na universidade rival de uma cidade vizinha, e como eles também tem uma equipe de corrida, acho que ele foi fazer parte dela.

— Então quer dizer que eu estou dentro? E... quando eu começo?

— Semana que vem. Segunda-feira, às 19h, na oficina. A Ana te mostra depois onde é.

— Ela já me mostrou onde é — respondi lembrando bem no primeiro mês de aula em que Ana me apresentou o campus inteiro.

E foi assim que, da forma mais improvável possível, entrei para a equipe de automobilismo da faculdade.



Capítulo 2.

Segunda-feira, após a aula, fui jantar com Ana no refeitório da universidade. Sentamos juntos num canto mais afastado, como sempre fazíamos. Ela sorriu assim que nós sentamos.

– Enzo, de verdade, fiquei muito feliz que você entrou para a equipe – ela disse, com aquele brilho no olhar que sempre me deixava meio sem jeito. – A gente vai precisar de você mais do que imagina.

– Fico feliz também... mas ao mesmo tempo meio perdido. É tanta coisa nova... – respondi, mexendo na comida mais do que comendo.

– Relaxa. Tudo o que você viu nesses dois meses, vamos colocar em prática. E eu vou estar aqui pra te ajudar. Sempre.

Essas palavras me confortaram de um jeito que eu não esperava. Ana não era só a aluna mais inteligente da sala, como o Miguel vivia dizendo; ela também era alguém que acreditava de verdade no projeto – e agora, em mim também.

Enquanto esperávamos na fila do jantar, quis saber mais sobre o restante da equipe. Mas e o resto da equipe? Ainda falta o piloto, não é? - perguntei.

Ela falou que não existia mais nenhum membro além do piloto, e que eu iria conhecê-lo naquele dia. Disse que eu deveria causar uma boa impressão, tanto por ele ser bem difícil de lidar, além de ser amigo do Miguel, sendo ambos os pioneiros da ideia desse projeto.

Depois de jantarmos, fomos direto para a oficina. Durante o caminho ela me explicou um pouco como foi todo o trabalho com a direção para conseguirem recursos para a equipe no ano passado. E que agora era engenharia pura para entrar na competição, e já me apresentou um pouco sobre o plano da equipe: ficaríamos esse ano inteiro apenas no desenvolvimento do carro e que só no ano seguinte, após o carnaval começaria a primeira temporada de corridas da equipe.

Depois que ela falou tudo isso eu pensei comigo mesmo, “*Nossa, eu estou na equipe mas o que que eu vou fazer? Será que vou só fazer tudo mandarem? Será que vou ser prestativo? Ou mesmo vou ajudar no desenvolvimento de algo?*”, comecei a ficar nervoso, mas nem deu tempo de pensar muito que quando menos percebi, já estávamos no portão da oficina.

O portão já estava aberto e só pela entrada dava pra ver um monte de material largado pelo chão, parecia que apenas pegaram os materiais e jogaram lá dentro, sem nem saber o que era cada coisa. Quando eu e Ana entramos na oficina, vimos Miguel conversando com um cara encostado numa mesa organizada no canto.

– Aquele ali é o Pedro, nosso piloto – sussurrou Ana. – Tenta causar uma boa impressão. Ele é... digamos, intenso.

Miguel nos chamou.

– Pedro, esse é o Enzo. Ele vai substituir o Lucas.

Pedro me lançou um olhar de cima a baixo e soltou:

– Espero que você não seja tão chato e mandão quanto aquele moleque do primeiro ano.

Fiquei meio travado, mas respirei fundo.

– Pode ficar tranquilo. Tô aqui pra somar. Quero fazer esse projeto acontecer de verdade.

Ele ergueu uma sobrancelha, esboçando um sorriso quase desafiador.

– Isso aí. Com corpo mole ninguém chega a lugar nenhum.

Aquilo me surpreendeu. Era como se ele tivesse sacado que eu estava ali pra valer. Mais do que respeito, senti que ele reconheceu algo em mim.

Miguel e Ana observavam de canto, pareciam aliviados. Talvez Pedro fosse mesmo mais difícil de lidar do que parecesse à primeira vista.

Ele até disse para o Miguel que gostou do meu jeito de falar determinado, mal sabe ele que eu tinha decorado essa frase durante a primeira semana de aula caso eu tivesse sido aceito logo de cara.

Como eu já havia conhecido todos os membros, Miguel começou falando um pouco sobre os planos para esse ano, que o objetivo era deixar o carro apto para competição até o final do ano, porque no ano seguinte já teriam a primeira competição para se inscrever.

Depois disso ele começou falando que o próximo passo agora era arrumar a oficina pois, quando Lucas ainda estava, a única coisa que fizeram foi discutir sobre o desenvolvimento durante o ano do projeto.

Por isso a oficina estava uma bagunça, Miguel a tinha aberto pela primeira vez no ano naquele dia, e só arrumou a mesa onde discutiríamos a parte teórica do projeto. Então, ele determinou que o objetivo do dia era separar todos os materiais por categoria e as ferramentas.

Então foi isso, Miguel falou onde cada material iria ficar e que as ferramentas ele arrumava sozinho; o resto era com nós três. Logo de cara fui pegando umas hastas de ferro soldadas, tinham um formato estranho mas não parecia desconhecido, então perguntei a Pedro do que se tratava. Ele respondeu: “essa é a carcaça do carro, montamos ela ano passado, mas está faltando coisas ainda, está apenas com a estrutura do cockpit.”

Quando era criança sempre ouvia falar sobre cockpit nas corridas da TV, “e tal piloto se prepara para entrar no cockpit” era o lugar onde o piloto sentava, mas aquilo estava sem banco, era só uma estrutura metálica bem estreita por sinal, queria ver Pedro caber ali dentro. Ele quando viu minha cara de dúvida, fez questão de se deitar entre as barras metálicas, assim me provando que ele realmente cabia ali, parece que ele até tinha lido minha mente.

Depois disso, voltei a arrumar as coisas e depois de um tempo Ana veio carregando uma coisa atrás de suas costas, ela chegou mais perto e logo mostrou o que era.

- “Veja Enzo, é uma parte da barra de suspensão do carro, eu te mostrei como funcionava durante os dois meses que fiquei te ensinando”

Nas aulas que tivemos eu mais prestava atenção nela no que ela falava mas pelo que me lembra a barra de direção era responsável no amortecimento das ondulações do asfalto, mas parece que em um carro de corrida esse amortecimento precisa ser bem leve se não pode prejudicar o desempenho do carro e também pode deixar o carro mais difícil de controlar.

- Isso aí é o que sustenta as rodas e amortece as ondulações da pista, não?

- Isso mesmo, mas para corridas, é melhor deixar a barra um pouco mais rígida, para facilitar nas curvas, mas como você disse, se a pista for muito ondulada, se deixarmos a barra rígida, o carro pode perder o controle e até causar um acidente.

- Mas como que a gente vai saber o quanto rígido tem que deixar a barra?

- Bem, as equipes profissionais possuem tecnologias que conseguem ver isso, já a gente vai precisar do Pedro — disse Ana enquanto se apoiaava na bancada — ele que vai nos contar como o carro está se comportando na pista.

Pedro interrompeu Ana e disse:

- Não só para a barra de suspensão, mas para todas as alterações que vocês fizerem, quem vai ter que ficar dando *feedback* toda hora vai ser eu.

- É... esse é o problema, a gente tem que confiar no Pedro em tudo que a gente fizer" respondeu o Miguel do outro lado da oficina com um tom sarcástico.

Eu e Ana na hora começamos a dar risada, enquanto isso Pedro ia reclamar com Miguel, mas sempre de forma bem saudável. A gente se divertiu muito depois. Pedro tentava sempre mostrar serviço e Miguel não perdia a chance de provocar. Os dois juntos era a alegria da noite, parecia até show de *stand-up*.

Ficamos na oficina até as 11h da noite. Eu estava exausto, não aguentava mais ficar movendo as coisas de lugar. Ana também parecia cansada, mas pelo menos todos os esforços tinham valido a pena: a oficina estava mais limpa que nunca e agora dava para andar livremente sem ter que tropeçar em alguma peça largada no chão.

Me despedi de todos e peguei o ônibus para casa. Quando cheguei, tomei a maior bronca da minha mãe pois ela achou que tinha acontecido algo com o ônibus (até que faz sentido já que a gente morava em outra cidade). Me disse horrores, me perguntou o porque de eu ter me atrasado e porque eu não a avisei. Tive que explicar tudo pra ela, ainda não tinha contado nada sobre a equipe de corrida, apenas comentei que tinham vários projetos na universidade e que seria bom eu participar de algum, nada além disso.

Falei também que a partir daquele dia eu era o mais novo membro da equipe de automobilismo e que durante toda a semana eu ia ter que ficar na oficina até tarde. Ela ficou preocupada de início, até me perguntou se eu não iria me sobrecarregar demais, mas logo se acalmou e concordou que seria uma ótima experiência. Então, após nossa conversa, fui direto para meu quarto descansar para o dia seguinte.

Capítulo 3.

A semana passou voando depois da noite em que conheci Pedro. De segunda a sexta, minha rotina virou uma mistura intensa de aulas, projetos e noites na oficina. Estava exausto, mas ao mesmo tempo empolgado. Parecia que, pela primeira vez, eu realmente fazia parte de algo importante.

Toda tarde, depois das aulas, eu corria para o refeitório para jantar com Ana antes de irmos trabalhar. Nossas conversas continuaram descontraídas, mas agora giravam mais em torno da equipe. Ela sempre me explicava alguma parte do projeto enquanto comíamos. Eu gostava de como ela conseguia falar de coisas técnicas de um jeito leve, como se estivesse contando uma história. E, por mais que tentasse esconder, eu estava cada vez mais envolvido — não só com o projeto, mas com ela também.

Na quarta-feira daquela semana, Miguel marcou uma pequena reunião para apresentar melhor o plano da equipe. Era nossa primeira “reunião oficial” desde que entrei. A oficina ainda não estava completamente arrumada, mas já dava para circular sem tropeçar em pedaços de metal.

Miguel abriu um dos cadernos grossos que levava sempre consigo e começou a falar com aquele jeito confiante e animado:

— Seguinte, pessoal. O que a gente tem hoje é o esqueleto de um sonho. A estrutura básica do carro já existe, mas falta praticamente tudo: suspensão, direção, elétrica, banco, volante, freios, e o principal... o acerto fino. Nossa meta é deixar ele pronto até a metade do ano. Sem pressa, mas com foco. Precisamos testar antes de começar o próximo ano.

Olhei para Ana, que me lançou um sorriso discreto, como se dissesse: “Vai dar trabalho, mas vai valer a pena”.

Miguel continuou explicando como o projeto seria dividido e falou que eu poderia ajudar com a parte estrutural, aprendendo aos poucos sobre um carro. Foi aí que Pedro comentou:

— Começa com as coisas leves. Vai pela suspensão primeiro. Mas não vai querer montar a suspensão sem saber diferenciar uma barra de torção de uma chave de fenda, né? Vai sempre falando com a Ana.

A provocação me pegou de surpresa. Dei uma risada meio sem graça, mas Miguel logo cortou:

— Pega leve, Pedro. Você também era perdido no começo.

Pedro resmungou algo sobre “ser melhor que o Lucas”, e seguiu mexendo nas ferramentas. Eu preferi ficar na minha, observando e ouvindo o máximo possível.

No dia seguinte, Miguel pediu que dessemos uma geral nas ferramentas mais pesadas que estavam empilhadas no fundo da oficina. Fiquei encarregado de separar tubos e chapas metálicas. Enquanto carregava uma peça grande, tropecei e quase derrubei tudo. Pedro, que viu de longe, soltou:

— Cuidado aí, engenheiro! Não vai desmontar o carro antes mesmo de montá-lo.

Eu engoli seco, mas tentei não demonstrar irritação. Ana veio até mim com um pano sujo de graxa na mão e me entregou uma garrafinha de água.

— Ele é chato, mas sabe o que faz. Com o tempo, você se acostuma — disse, piscando para mim.

Mais tarde, enquanto Miguel e Pedro discutiam sobre o design do pedal de freio, Ana se sentou ao meu lado e comentou:

— No começo, ninguém botava muita fé em mim. Acho que por eu ser a única menina do grupo. Tive que me provar dobrado. E você vai ter que fazer o mesmo, só que por ser novato. Mas não se preocupe, você tem potencial.

Aquelas palavras me atingiram de um jeito diferente. Senti uma mistura de gratidão, admiração e algo que eu ainda não sabia definir direito. Só consegui balançar a cabeça, tentando disfarçar o quanto aquilo tinha me tocado.

Mais tarde, depois de quase três horas reorganizando prateleiras e encaixando peças nos locais certos, Pedro surgiu do nada segurando uma pequena barra de aço.

— Alguém lembra o que é isso aqui? — perguntou, levantando a peça como se fosse um troféu.

— Isso aí é parte da estrutura auxiliar da suspensão traseira — respondeu Ana sem hesitar.

— Muito bem. E esse tipo de peça precisa estar rígida o suficiente para aguentar a carga, mas flexível o bastante para não quebrar. Isso vale pra quase tudo no carro. Enzo, já te explicaram isso?

— Mais ou menos... — respondi.

— Relaxa — disse Ana. — A gente vai te mostrar na prática.

A noite passou rápido. Entre discussões técnicas, piadas e pequenas frustrações com peças perdidas, comecei a me sentir parte do grupo. Pedro, mesmo com seu jeito ríspido, já não parecia tão distante. E Miguel era o elo que mantinha tudo funcionando, equilibrando seriedade e bom humor.

Por volta das meia-noite, encerramos o dia. A oficina estava com outra cara. Ainda não era um ambiente profissional, mas já dava para ver que ali dentro nascia um projeto de verdade.

Na saída, me despedi de todos e fui pegar o ônibus. Já era quase de manhã quando cheguei em casa. Minha mãe, claro, estava furiosa. Disse que não tinha dormido direito e que quase ligou para a polícia. Expliquei o que estava fazendo, contei sobre a equipe de corrida e que ia começar a passar mais tempo na oficina. Ela me olhou preocupada, mas no fim aceitou.

— Só não vai deixar a faculdade de lado, ouviu?

Assenti, prometendo me organizar. Depois da conversa, fui direto para o quarto. Me deitei exausto, mas feliz. Pela primeira vez, senti que aquele universo — oficina, peças, equipe — estava começando a se tornar meu também.

E mesmo sem saber exatamente o que viria pela frente, tinha uma certeza: eu não queria estar em outro lugar.

Capítulo 4.

A oficina tinha um cheiro diferente naquela tarde. Um misto de óleo queimado, graxa e algo metálico, quase como sangue enferrujado correndo pelas veias de um corpo de aço. Miguel tinha avisado pelo grupo: “Hoje é dia de abrir o coração do carro”.

Cheguei na oficina um pouco antes das cinco da tarde. Ana já estava lá, com um macacão sujo até os cotovelos, conferindo algumas ferramentas. Pedro estava debruçado sobre uma bancada com uma caixa de peças ao lado. No centro da oficina, apoiado em um cavalete improvisado, estava o motor — um bloco escuro, com sinais de uso, ferrugem em alguns cantos e manchas de óleo como cicatrizes de guerra.

— Eu ainda não falei muito para você Enzo, mas o nosso carro tem que seguir todo um regulamento, o campeonato que vamos participar é o campeonato regional de Fórmula 1600, depois eu explico melhor sobre o regulamento. Mas hoje vamos focar em uma coisa. Ele foi caminhando para um canto da oficina e eu, Ana e Pedro apenas o acompanhamos.

— Esse é o nosso guerreiro — disse Miguel, apontando para o motor. — um motor Fórmula 1600. Simples, robusto e com muita história nas ruas, mesmo motor que se encontra em Ecosport/Fiesta 1.6.

— Ele já veio inteiro? — perguntei, me aproximando.

Pedro bufou.

— Inteiro até demais. Tão inteiro que esqueceram de trocar metade das peças nos últimos anos.

Ana riu e explicou:

— Esse motor estava encostado em uma garagem de um amigo meu, ele acabou destruindo quase que metade da traseira do Fiesta dele. Ele ia levar pra sucata, por sorte conseguimos pegar só o motor por um bom preço, mas sabíamos que ia dar trabalho, está longe das modificações de corrida e também estava bem desgastado.

Fiquei observando enquanto Miguel começava a desmontar a tampa de válvulas com calma, explicando cada etapa como se estivesse dando aula.

— Seguinte, Enzo. Um motor como esse é basicamente uma bomba de ar: aspira, comprime, queima e expele. O famoso ciclo de quatro tempos. Aqui em

cima, a gente tem o cabeçote, onde ficam as válvulas que controlam a entrada de ar e combustível, e a saída dos gases queimados.

— A mistura entra, o pistão sobe, comprime, a vela acende e... bum — completou Pedro, imitando a explosão com as mãos. — Isso empurra o pistão para baixo, que gira o virabrequim aqui embaixo. É esse movimento que, no fim das contas, move o carro.

Olhei para o bloco como se estivesse tentando ver tudo aquilo acontecendo por dentro. Miguel continuou desmontando e me chamou para perto.

— Vem cá. Tá vendo isso aqui? — Ele apontou para uma peça longa e meio suja. — Isso é o comando de válvulas. Ele gira e abre as válvulas no tempo certo. Cada rotação do motor é orquestrada por ele. Se ele falha, tudo desanda.

Pedro tirou um dos pistões e mostrou a lateral, riscada.

— E isso aqui é o que acontece quando não se troca o óleo por um bom tempo.

— Está bem riscado... — falei, meio em choque.

— Riscado é apelido. Isso aí já viu dias melhores. Vai ter que ser trocado — respondeu Pedro, jogando o pistão sobre a bancada com um baque seco.

Começamos a abrir o restante do bloco. O virabrequim estava com folga. Os anéis dos pistões estavam gastos. E o pior ainda estava por vir. Ana examinava o cabeçote com atenção, olhando pelas câmaras de combustão.

— Gente... isso aqui não tá certo.

Ela apontou para uma rachadura discreta, mas visível, entre duas válvulas de admissão.

— Trinca no cabeçote. Se isso abrir de vez durante uma corrida, já era o motor.

O silêncio se instalou na oficina por alguns segundos. Miguel passou a mão no queixo, pensativo.

— Bom, isso complica. Uma retífica talvez dê conta, mas é caro. E mesmo assim, não é garantia de que vá aguentar o tranco de uma temporada inteira.

— Temos orçamento pra isso? — perguntei.

Pedro soltou uma risada curta, sarcástica.

— A gente mal tem orçamento pra pizza.

Mesmo diante do problema, ninguém entrou em pânico. A equipe parecia já acostumada a lidar com adversidades.

— Bom, vamos decidir o que fazer, a gente tem um baixo orçamento, mas vamos precisar de algumas peças novas, vamos por partes. Pedro, você vai desmontando o motor enquanto eu e Ana vamos avaliando a qualidade das peças.

— Enzo — chamou Miguel. — Vamos precisar de você nessa. Quero que você fique responsável por catalogar todas as peças que vamos trocar. Faz uma planilha, vê o modelo de cada uma e tenta pesquisar preços. Qualquer coisa, chama a Ana pra ela te ajudar com alguma coisinha bem rápida, quero já ter a lista de tudo hoje.

Assenti, tentando esconder minha empolgação. Era a primeira vez que recebia uma responsabilidade de verdade.

Enquanto escrevia os nomes das peças e observava cada item com mais atenção, percebi o quanto aquilo era complexo. Não era apenas montar um quebra-cabeça. Era construir algo que ia precisar resistir a temperaturas altíssimas, giros por minuto acima dos seis mil, e ainda assim responder com precisão a cada toque do acelerador.

O motor, ali parado e sujo, parecia morto. Mas eu conseguia imaginar ele vivo, roncando alto, empurrando nosso carro por uma reta qualquer de autódromo. E mais que isso: era como se ele também estivesse esperando a hora certa para mostrar do que era capaz.

Terminamos o serviço, a tabela estava feita, teríamos que gastar quase 5 mil reais para restaurar o motor. Até que eu sugeriu uma solução para diminuir preço.

— Se, ao invés de comprarmos quase todas essas peças originais, aproveitamos algumas para transformar em peças de corrida. Uma peça usada feita às vezes sai o mesmo preço ou até mais barato, pelo o que vi aqui enquanto pesquisava algumas peças.

Os três se surpreenderam, soltaram um sorriso e falaram para eu fazer a tabela do jeito que havia explicado, mas com os três sempre atrás de mim para me auxiliar.

Item	Descrição	Valor (R\$)
Pistões forjados com anéis (jogo básico)	Resistência a altas temperaturas e rotações	1000
Bronzinas de alta performance (mancal e biela)	Menor desgaste e mais resistência	300
Retífica de virabrequim (balanceamento leve)	Para reduzir vibrações e melhorar desempenho	400
Retentores do virabrequim	Evitam vazamentos de óleo	80
Comando de válvulas reperfilado (leve performance)	Maior tempo de abertura das válvulas	350
Tuchos hidráulicos novos	Funcionamento silencioso e preciso das válvulas	180
Correia dentada + tensionador	Substituição preventiva	180
Bomba de óleo de maior vazão	Melhor lubrificação em alta rotação	300
Bomba d'água nova	Evita superaquecimento	150
Jogo de juntas e retentores completo	Vedações renovadas	250
Velas de ignição esportivas	Melhor ignição em altas rotações	100
Coletor de escape 4x1 simples para performance	Melhora na saída dos gases e ganho de torque	300
Filtro de óleo	Substituição obrigatória após revisão	40
Limpeza dos bicos injetores	Para garantir pulverização adequada de combustível	80
Junta do cabeçote reforçada	Resiste melhor à compressão e calor	100
Termostato	Controle térmico do motor	80
Mangueiras e abraçadeiras	Renovação do sistema de arrefecimento	60
TOTAL		3950

Assim que ficou pronta a tabela, Miguel disse que queria arrumar o motor o mais rápido possível emandou todos procurarem por lugares próximos ou por entregas rápidas da internet.

Naquela noite, saí da oficina com uma nova visão. Até então, eu achava que o motor era só mais uma peça. Mas agora, entendi que ele era o coração do carro. E que, para apenas ele funcionar, depende de diversas outras peças que trabalham como pulsações, mas a gente ia precisar reanimá-lo.

Capítulo 5.

O calor na oficina era sufocante. As janelas escancaradas e o ventilador velho mal faziam cócegas no ar pesado, carregado de óleo, graxa e aquele cheiro meio queimado de metal. Eu estava parado ali, olhando para o motor desmontado no cavalete — parecia mais um quebra-cabeça impossível.

— Esse é o coração do carro — ouvi Miguel dizer atrás de mim, a voz baixa, quase um aviso.

— Acho que você já falou isso, não? — respondi em um tom de ironia.

— Já, mas é sempre bom reforçar né — retrucou ele um pouco envergonhado.

Não tirei os olhos do bloco, rodeado de pistões arranhados, bielas gastas e um cabeçote que mais parecia uma relíquia antiga do que uma peça pronta pra pista. Do lado, Ana rabiscava anotações na prancheta, o coque bagunçado e os dedos manchados de graxa, concentrada como sempre.

— Quando vocês disseram que o motor estava completo, eu não achei que “completo” significava desmontado em cem pedaços — murmurei, tentando não soar completamente perdido.

Miguel soltou uma risada curta. — Bem-vindo ao automobilismo.

Ana virou a prancheta na minha direção, mostrando uma lista que parecia não ter fim.

— Anéis de segmento, bronzinas, bomba de óleo, juntas, correia dentada, velas... tudo da sua lista de ontem é para tudo chegar até o final da semana e um comando mais agressivo.

Suspirei fundo. Eu lembrava das aulas com Ana: Zetec Rocam 1.6, quatro cilindros, comando simples, injeção multiponto. Mas na prática, diante daquele caos de peças, parecia que nada fazia sentido.

Miguel apontou para o bloco.

— O segredo tá no equilíbrio. Taxa de compressão certa, pressão de óleo certa. Não adianta pôr peça boa se o conjunto não conversa. Isso aqui é uma orquestra — se uma desafinar, esquece.

Ana completou:

— E a mistura tá rica demais. A injeção tá mandando mais combustível do que o motor aguenta. A gente vai precisar remapear a ECU. Não é barato, mas necessário.

Quase de imediato perguntei: o que é ECU?

Ana ia explicar mas Miguel interrompeu:

— É o cérebro eletrônico do carro, ele é quem controla e gerencia o funcionamento do motor, incluindo injeção de combustível, ignição e emissões.

Eu assenti, ainda meio atordoado. Do outro lado da oficina, Pedro passava a mão pelo volante montado no carro, inquieto.

— A gente precisa acelerar. Faltam menos de dois meses pro primeiro teste.

— Calma, Pedro — Ana disse, firme. — Se a gente não fizer direito, você vai pra pista e volta empurrando o carro.

Os dias seguintes foram um turbilhão. Enquanto Ana comandava a troca das peças e Miguel virava noites atrás de patrocínio, eu mergulhei em livros, fóruns, vídeos — tudo que aparecesse na minha frente. Comecei a entender a importância das bronzinhas, o papel dos anéis de segmento, a mágica do comando de válvulas. E, sem perceber, minhas mãos foram ganhando confiança, meus olhos começaram a enxergar detalhes que antes me escapavam.

Cada noite na oficina era uma maratona. Eu me pegava limpando peças, ajustando folgas, apertando parafusos ao lado de Ana, que sempre vinha atrás conferindo o torque com aquele olhar de quem não deixa nada passar. Miguel surgia a qualquer momento, trazendo ferramentas, ajustando cabos, lançando uma piada ou outra pra quebrar o clima.

Uma noite, quase meia-noite, Ana limpava as mãos num pano imundo e me olhou com um sorriso discreto.

— Você aprendeu rápido, hein? No começo do ano, não sabia nem o que era uma vela de ignição.

Soltei uma risada, esfregando o braço no rosto e ganhando uma faixa de graxa na bochecha.

— E você acha que eu sei agora?

— Ninguém sabe — Miguel entrou na conversa, surgindo do nada com uma caixa de ferramentas. — Por isso a gente faz isso junto.

Enfim, um dia, as peças que faltavam para o motor chegaram. Finalmente terminamos de montá-lo, foi como se o carro ganhasse vida. Ele não estava pronto — longe disso —, mas pela primeira vez eu vi um futuro ali. A oficina, antes barulhenta, parecia respirar junto com a gente.

Naquela noite, fui o último a sair. Apaguei as luzes devagar, fiquei parado um instante olhando o carro no escuro e pensei em voz baixa:

— Amanhã é outro dia.

Fechei a porta com cuidado, quase como se dissesse boa noite a um velho amigo. Lá fora, o céu estava limpo e estrelado, e pela primeira vez em muito tempo, eu sorri sozinho no caminho de volta.

Capítulo 6.

A metade do ano na universidade passou mais rápido do que eu imaginava. No começo, tudo parecia um caos: aulas, provas, novos conceitos e as constantes tentativas de me encaixar nesse novo mundo. Mas, conforme os meses foram passando, fui começando a entender o ritmo e o que a universidade realmente significava. Além de aprender sobre engenharia, também aprendi muito sobre mim mesmo, minhas limitações e o que realmente me movia.

Os primeiros dias na oficina de automobilismo foram apenas o começo de um processo de amadurecimento, tanto acadêmico quanto pessoal. A equipe foi se tornando cada vez mais um ponto de equilíbrio na minha vida universitária e a convivência com Miguel, Ana e Pedro me fez perceber que ali, mais do que em qualquer outra área, eu poderia aplicar o que estava aprendendo.

Mesmo com um ótimo começo de ano para mim, para a equipe foi uma verdadeira montanha-russa. Quando entrei para a equipe de automobilismo, o trabalho estava apenas começando, tínhamos apenas as peças, havia muito a fazer ainda. O projeto do carro, que havia sido iniciado no ano anterior, ainda estava longe de ser finalizado. A estrutura básica já estava pronta, mas muito do desenvolvimento ainda estava por vir. Cada dia era uma oportunidade de aprender algo novo, seja sobre o funcionamento de um carro de corrida ou sobre a dinâmica do trabalho em equipe.

Depois de muito trabalho duro, terminamos de montar o motor, mas ficamos os 2 meses até o primeiro teste focados na suspensão do carro. Foi trabalhoso, mas finalmente o carro estava pronto para seu primeiro teste.

A oficina, que antes estava repleta de peças espalhadas, agora tinha um carro que começava a ganhar forma, mas ainda não era nada próximo do que esperávamos.

Certo dia levamos o protótipo à uma pista perto do campus para o primeiro teste, a emoção e a tensão estavam no ar. A expectativa era alta, mas a realidade que encontramos foi bem diferente. Pedro, o piloto, começou a avaliar o carro com um olhar crítico e seus *feedbacks* não demoraram a se mostrar duros e exigentes. Quando ele entrou no carro e acelerou pela primeira vez, logo foi possível perceber que o trabalho que havíamos feito até ali ainda estava longe de ser o ideal.

“Isso está uma bagunça”, disse Pedro depois de dar algumas voltas na pista. “O carro está completamente instável. O motor afoga toda vez que piso no acelerador parece que está sufocando, não tem resposta quando a gente pisa fundo, está injetando mais combustível que o motor consegue queimar. Nas saídas de curva, ele perde potência e é impossível controlar.. Não consigo entender o que está acontecendo com a suspensão, ela está completamente irregular. Cada vez que passo por uma curva mais acentuada, o carro simplesmente balança demais e sai da linha.”

Miguel, visivelmente frustrado, se aproximou de Pedro. “O que mais está acontecendo?”, perguntou ele, tentando entender o alcance dos problemas.

“O carro é muito pesado. A distribuição de peso está errada, e isso está afetando diretamente o comportamento nas curvas”, respondeu Pedro. “E não é só isso. O volante tem um jogo excessivo. A direção parece que não responde como deveria, e, quando tento corrigir, o carro simplesmente demora para reagir. Isso é perigoso. Eu não confiaria em correr com isso em uma pista de verdade.”

A crítica foi forte e imediata. O carro estava longe de ser o que esperávamos, e o *feedback* de Pedro foi claro: não tínhamos feito o trabalho necessário para garantir que o protótipo fosse adequado para uma competição real. E o mais frustrante era saber que muitos dos problemas eram básicos, falhas que poderiam ter sido detectadas e corrigidas mais cedo.

Ana estava quieta, observando tudo atentamente. Quando Pedro fez uma pausa, ela comentou: “Precisamos analisar os dados e ver o que exatamente está dando errado. Mas eu já consigo perceber que a distribuição de peso está prejudicada, assim como o sistema de suspensão. A absorção de impacto não está funcionando como deveria. E a performance do motor está bem abaixo do que esperávamos.”

Pedro, sem perder a paciência, continuou: “Eu não tenho tempo para esperar enquanto vocês ajustam essas coisas. Esse carro precisa ser mais responsivo. Agora, a suspensão está tão dura que parece que estou dirigindo um caminhão, e, nas curvas, o carro derrapa como se fosse em uma pista molhada. O que mais me incomoda é a falta de controle.”

Miguel, tentando manter a calma, disse: “Ok, então o que precisamos fazer primeiro?”

“Primeiro de tudo, corrigir a suspensão. Está péssima. O comportamento nas curvas precisa ser ajustado com urgência. O carro tem que ser mais previsível”, Pedro apontou, já se preparando para voltar à pista. “E o motor... Está com a potência toda desregulada. Não temos um torque consistente, o que significa que não vamos conseguir acelerar de forma eficiente. Isso é um dos principais

problemas. E a direção, sinceramente, está me deixando desconfortável. Se não conseguirmos melhorar isso, vai ser impossível manter o carro no controle."

A partir daquele momento, todo o trabalho na oficina foi remodelado. Miguel, com sua visão prática, começou a revisar todos os componentes, com foco principal na suspensão e no motor. Ana e eu passamos dias analisando cada dado de teste, tentando entender o que podia ser feito para melhorar a distribuição de peso e corrigir os problemas com a suspensão. Havia uma sensação de urgência no ar, como se o tempo estivesse se esgotando.

Enquanto isso, Pedro continuava a fornecer *feedback* constante. Cada novo teste era uma dura lição. A cada volta, ele nos dizia o que estava errado, sem meias palavras. "A suspensão está muito dura, vocês precisam suavizar o impacto. Nas curvas mais fechadas, o carro sai de traseira o tempo todo." A cada comentário, a pressão aumentava. O carro, ao invés de melhorar, parecia estar cada vez mais distante da perfeição.

À medida que as semanas passavam, foi ficando claro que ainda tínhamos muito trabalho pela frente. Cada ajuste parecia trazer novos problemas à tona. Quando finalmente conseguimos melhorar um pouco a suspensão, o carro começou a ter um comportamento mais controlável nas curvas, mas o motor ainda não estava respondendo de forma consistente. Era como se estivéssemos sempre corrigindo um problema, só para que outro surgisse logo em seguida.

Enfim chega o final do ano, e Miguel manda por e-mail para nós convocando para uma reunião de emergência na oficina naquela noite com o seguinte nome: "Inscrição da equipe para campeonato".

Capítulo 7.

A reunião foi na oficina. Quando eu e Ana chegamos, as caras de Miguel e Pedro não eram das melhores. Acho que estavam discutindo antes de nossa chegada. Sentamos e esperamos Miguel iniciar a reunião. Porém, quem iniciou foi Pedro:

- Eu não sei mais o que dizer. O carro não tem mais estabilidade, o motor está fora de controle e a direção está péssima. Se não começarmos a fazer ajustes reais, esse carro vai continuar sendo uma lata velha. É isso que vocês querem?

- Sim nós já sabemos disso, mas estamos fazendo o possível. Metade dos nossos recursos são reaproveitados. Disse Miguel.

- Sim mas mesmo assim, eu tenho certeza que algumas das peças conseguem performar mais que isso, eu sinto quando estou pilotando.

Quando Pedro falou isso fiquei confuso, como era isso, ele sente que o carro pode ir além, era impossível, para mim não fazia sentido o piloto “sentir” o carro.

- Mas a gente pode conseguir melhorar até lá. Se conseguirmos performar um pouco mais a gente vai adquirir experiência. E também se não for agora, vocês nunca vão poder sentir se tudo o que vocês dedicaram dentro da faculdade valeu a pena. Interrompeu Ana se referindo a Miguel e Pedro.

Por um instante a oficina ficou quieta, acho que os dois perceberam que faltava pouco tempo para transformarem seus sonho em realidade.

Depois de todos da sala pensarem em toda a pressão que a equipe estava passando, Miguel teve que retomar um pouco o rumo da reunião: “Bom, acho que temos que decidir se vamos ou não ir à competição no próximo ano, Ana, comece, o que você acha?”

- Eu acho que deveríamos, primeiro para termos experiência de como funciona uma competição e também para tentarmos arranjar mais patrocinadores. Pensem em mim e no Enzo: vamos cuidar da equipe para o ano que vem. falou Ana de forma bem convincente

- Pedro... Perguntou Miguel

- O carro não é o suficiente e isso tá bem claro. Quem vai correr o risco lá dentro sou eu. Acho que se realmente formos a competição, temos que aprimorar a segurança antes, senão eu estou fora.

Achei justo, quem se colocava em risco todas as vezes era ele, se algo desse errado no carro, ele virava apenas um espectador e assistiria o que aconteceria com ele e com o carro.

- E por fim, Enzo, o que você acha?

- Eu acho que devemos ir a competição, é, realmente não temos um carro para isso, mas só na primeira corrida, já teremos uma percepção de como são as coisas, como as equipes preparam seus carros, mesmo de forma bem superficial, mas já é alguma coisa, acho que é isso.

Com dois votos a favor e Pedro com sua condição, Miguel teve que dar o veredito final, iríamos correr, mas nosso foco nas férias seria na segurança e com o tempo, ao longo da temporada, iríamos desenvolver o carro da melhor forma.

Havia ainda outro problema: o diretor.

Ele foi essencial no apoio inicial ao projeto, ajudando-nos a conseguir um espaço dentro da faculdade e a viabilizar parte dos recursos necessários. Além disso, a própria instituição oferece bolsas para que possamos nos dedicar integralmente à equipe, sem a necessidade de recorrer a estágios precoces ou trabalhos que comprometeriam nossa formação acadêmica. Miguel quase sempre fala com o diretor, comentando como anda o projeto, e as evoluções, e ele não ficou nada feliz em saber que o desempenho está bem ruim.

Ele poderia simplesmente suspender o projeto, por não conseguirmos alcançar o objetivo, que era de sermos uma equipe a altura de competir por título. Eu só não entendia uma coisa: por ele ser diretor de uma faculdade, era para ele ser a primeira pessoa a apoiar a equipe, pois um projeto acadêmico demora anos para atingir um nível profissional.

Mas não tinha muito a ser feito a não ser convencer o diretor, então Miguel ficou encarregado dessa tarefa. Nós o ajudamos a separar algumas ideias. Miguel saiu e foi conversar com o diretor, disse que ia encontrá-lo durante a semana e só voltaria com respostas depois do final de semana.

Durante toda a semana, Miguel, sempre que eu o via estava na sala do diretor, e a cada dia que passava mais eu pensava que o diretor iria suspender nossas atividades. Até Ana estava preocupada: ela dizia que se o projeto fosse cancelado ficaria arrasada, pois mesmo entrando depois na faculdade, ela, Miguel e Pedro, já haviam se dedicado muito nesse projeto, já haviam varado diversas noites pensando em como arranjar materiais e patrocinadores e, pelo que vi, o único patrocínio que conseguiram foi de um mercado local de um familiar de Pedro. O dinheiro do patrocínio foi juntado durante 3 meses para conseguirem comprar apenas o motor que nem em bom estado estava.

Infelizmente a única coisa que poderíamos fazer era esperar. Ao mesmo tempo que eu queria que essa sensação de que tudo estava acabado passasse, eu não queria que aquilo que desenvolvemos durante o ano acabasse por conta de ser um projeto audacioso. Já estávamos com tudo pronto, só não era bom, mas a qualidade a gente consegue com o tempo -- é o que minha mãe sempre dizia você só se torna bom em algo depois de fazer aquilo várias vezes.

Depois de uma longa semana de incertezas, enfim havia chegado a hora, Miguel chegou na oficina como de costume e todos nós estávamos esperando inquietos pela informação. Ele começou fazendo um discurso de como foi bom o tempo que passamos juntos aquele ano, e o tempo que passou com Ana e Pedro nos anos anteriores. Só com esse discurso todos nós pensamos que já era, o projeto tinha acabado ali, até que Pedro interrompe Miguel:

- Desembucha logo, a gente vai poder continuar com o projeto ou não?

Pedro falou o que estava entalado na garganta de todos.

- “Eu conversei com o diretor e, vamos continuar com o projeto e vamos nos inscrever para a competição ano que vem, a qual já começa daqui 4 meses, falou para irmos nos preparando”

Quando ele falou que sim nós três já fizemos uma grande comemoração mas Miguel completou:

- ‘Porém, ele nos deu uma condição’
- “E qual é, fala” disse pedro bem ansioso.
- “Ele falou que deveríamos terminar o campeonato pelo menos, nesse primeiro ano, em 7 lugar, já que haviam 15 equipes, isto é, sendo líder da metade do pelotão”

Logo a comemoração e os abraços se tornaram em trocas de olhares intensa, nós sabíamos que o carro não era bom e, ainda com uma condição dessa, teríamos que trabalhar muito mais e testar mais ainda para conseguirmos melhorar nosso desempenho. Mas já que conseguimos uma chance, deveríamos aproveitá-la.

A resposta estava clara. O trabalho estava apenas começando. Não havia tempo a perder. A equipe sabia que precisava melhorar cada detalhe do carro. E, assim, a busca pela perfeição continuava, com cada um de nós se dedicando ao máximo para corrigir os problemas e finalmente colocar o carro em um nível competitivo.

Capítulo 8.

Assim, passado o primeiro ano da faculdade sem muitas dificuldades com as matérias, meu foco agora estava em desenvolver o melhor carro com a equipe para as corridas. A aprovação do diretor para continuarmos com o projeto trouxe um novo senso de urgência para o time. Não se tratava apenas de testar nosso trabalho – agora tínhamos uma meta clara: terminar a temporada entre os sete primeiros.

Os meses que antecederam a primeira corrida foram intensos. O carro passou por diversas modificações. Ajustamos a suspensão para tentar equilibrar o carro nas curvas, trabalhamos na distribuição de peso e o motor foi ajustado para melhorar a entrega de potência. A cada teste surgiam novos desafios. Resolver um problema geralmente significava criar outro. Se melhorávamos a estabilidade nas curvas, perdíamos velocidade nas retas. Quando aumentávamos a potência do motor, o consumo de combustível subia e afetava o equilíbrio do carro ao longo da corrida.

Pedro, como piloto, não escondia a frustração:

— Vocês ajustam uma coisa e estragam outra! O carro finalmente responde melhor nas curvas, mas agora parece que está faltando potência nas retas!

Miguel cruzou os braços, analisando os dados no tablet. Ana, por outro lado, permaneceu calma, ajustando os gráficos no laptop antes de responder.

— Não é que estragamos outra coisa, Pedro. É um efeito colateral. O carro é um conjunto, tudo influencia tudo. Quando ajustamos a suspensão para reduzir a rolagem da carroceria nas curvas, aumentamos a carga aerodinâmica. Isso melhorou a estabilidade, mas também gerou mais arrasto, o que te faz perder velocidade nas retas.

Pedro bufou, mas assentiu. Ele sabia que ela tinha razão, mas era difícil aceitar que cada melhoria vinha com um preço.

Naquele dia, enquanto trabalhávamos no carro, Ana aproveitou para me explicar como funcionava o campeonato. Eu ainda não conhecia todos os detalhes, e ela percebeu minha dúvida quando mencionei que nossa meta era ficar entre os sete primeiros.

— Deixa eu te explicar como isso funciona — disse ela, puxando um caderno e rabiscando rapidamente algumas anotações. — O campeonato tem um total de 14 corridas ao longo do ano e no momento há 15 equipes inscritas.

— Mas como que é o decorrer do final de semana? são dois dias, tipo, o que que a gente vai fazer durante todo esse tempo?

— Então, um fim de semana de corrida têm os treinos de sábado de manhã, que servem apenas pra gente ver como o carro se comporta na pista e ajustar o que for possível mexer. Depois, no mesmo dia à tarde é a classificatória, todos os carros vão à pista e quem tiver o melhor tempo larga em primeiro na corrida, assim por diante, a classificatória dura uns 20 min.

— E a corrida?

— A corrida é no domingo de manhã. A gente acorda e já prepara o carro pra competir. Todas as corridas deste campeonato têm um total de 30 voltas para serem completadas. É uma quantidade bastante grande para um campeonato semi-profissional. Isso pode ser um problema para nosso carro, que já não é tão bom, e ainda pode ter a chance de ele nem aguentar terminar a corrida. Durante nossos testes, ele aguentou, mas o Pedro pegou mais leve no carro. Durante a corrida, não vai dar para ser assim.

— Entendi mas, como define quem é campeão ou não? Número de vitórias? — perguntei.

— Não. O campeonato tem pontuação por corrida e só os dez primeiros colocados de cada corrida pontuam. Os cinco últimos não ganham nada. A pontuação é distribuída assim — Mostrava Ana um papel enquanto desenhava uma tabela para explicar.

— Isso quer dizer que, mesmo se a gente chegar em décimo em todas as corridas, a gente portuária, certo? — perguntei.

Ana riu.

— Sim, mas as chances não seriam tão boas para ficar entre os sete primeiros. A gente precisaria, pelo menos, de algumas posições melhores ao longo do campeonato. Quanto mais perto do pódio, melhor.

Assenti, absorvendo as informações. Agora eu entendia por que a meta estabelecida pela faculdade era tão difícil. Não bastava apenas terminar as corridas, era preciso competir de verdade, brigar por posições e garantir pontos valiosos.

Voltei a olhar para o carro. Nosso projeto era promissor, mas estávamos claramente um nível abaixo da competição. O trabalho pela frente seria árduo, e eu não podia evitar a pergunta que martelava minha mente: será que realmente conseguíramos ser competitivos?

Um mês depois, chegara finalmente a semana mais aguardada da equipe:nós iríamos naquele final de semana colocar o carro na pista contra outros pela primeira vez. Estávamos um pouco desanimados com o desempenho do carro, mas agora só poderíamos mudar a estratégia e algumas configurações do carro para se adaptar à pista . Todo o resto dependia do que desenvolvemos durante o ano e de Pedro.

Tudo já estava planejado: a primeira corrida da temporada iria acontecer em um autódromo famoso de uma cidade vizinha a poucas horas da faculdade. Eu estava mais ansioso do que nunca – iria realizar um sonho de criança: ir em um autódromo profissional com área de box para cada equipe e também com arquibancadas que davam a sensação que cobriam a pista. Deveria ser algo incrível e finalmente eu veria isso de perto.

Percebemos que precisaríamos de um meio para levar o carro. Nossa ideia foi que iríamos todos na caminhonete do pai de Miguel. Levaríamos dois colchões no teto para dormirmos no nosso box e engataríamos uma carretinha que compramos com ajuda do dinheiro dos patrocinadores para levarmos o carro até o autódromo.

Chegado sexta-feira, dia que iríamos para o autódromo, eu e Ana fomos bem cedo na faculdade, pois combinamos que Miguel iria buscar Pedro e depois, na faculdade, eu, Ana e o carro. Nós dois já fomos direto para a oficina organizar as coisas e subir o carro na carreta. Travamos as rodas da carreta, posicionamos a rampa e tudo estava perfeitamente pronto.

Eu entrei no cockpit para posicionar o carro e, assim que me acomodei, fui surpreendido por uma sensação incrível. Sempre imaginei que seria um espaço apertado e desconfortável, mas percebi que estava errado. O banco parecia moldar-se perfeitamente às minhas costas, como se tivesse sido feito sob medida para mim. Meus braços se ajustavam naturalmente ao volante, e meus pés encontraram os pedais com facilidade.

Respirei fundo e pressionei o botão de ignição. O motor ganhou vida atrás de mim com um ronco grave e vibrante, fazendo todo o carro tremer levemente. O som ecoava dentro do cockpit, como se fosse parte do meu próprio corpo. Por um momento, fechei os olhos e apenas senti a vibração percorrendo o chassi, cada cilindro trabalhando em sincronia.

Segurei o volante com firmeza e engatei a primeira marcha. Com um leve toque no acelerador, o carro começou a se mover lentamente, enquanto eu manobrava cuidadosamente em direção à carretinha. Sentia cada detalhe do piso através da direção, como se o carro e eu estivéssemos conectados. Ao alinhar as rodas dianteiras com as rampas, aumentei levemente a aceleração, guiando o carro para cima até que as rodas traseiras também estivessem sobre a plataforma.

Assim que parei, desliguei o motor e o silêncio momentâneo fez meus ouvidos zumbirem. Tirei as mãos do volante e passei os dedos pelo painel, ainda sentindo uma sensação estranha e confortável pelo corpo. Era como se eu estivesse realmente me tornando parte da máquina.

Depois de amarrarmos bem o carro, certificando-nos de que tudo estava seguro, jogamos as últimas malas na caçamba da caminhonete e finalmente estávamos prontos para partir. O Sol estava se pondo quando demos partida no motor e deixamos a oficina para trás.

O veículo estava lotado. Pedro e Miguel seguiam na frente, enquanto eu e Ana estávamos apertados no banco de trás. As caixas de ferramentas, peças sobressalentes e até algumas mochilas ocupavam cada espaço possível. Era desconfortável, mas ninguém reclamava. A animação de estarmos indo para nossa primeira corrida superava qualquer incômodo.

Ana, olhando para o horizonte que começava a escurecer, suspirou:

— Isso tá parecendo viagem de família... Só faltou minha mãe perguntando se alguém quer um lanche.

Eu ri e tentei relaxar um pouco, mas a verdade era que meu coração estava disparado. Não era apenas minha primeira corrida com a equipe, mas também a primeira vez que realmente sentiríamos na pele tudo o que havíamos trabalhado durante meses. Cada ajuste, cada escolha de peça, cada simulação... tudo seria colocado à prova.

A estrada seguia longa e reta, com poucas curvas, e a caminhonete avançava com calma, carregando nosso carro de corrida como um tesouro. O sol começava a nascer, tingindo o céu de laranja e rosa, enquanto o silêncio do veículo era quebrado apenas pelo som do motor e pelas músicas que Miguel colocava aleatoriamente.

Depois de alguns minutos de viagem, começamos a ver placas indicando a proximidade do circuito. A paisagem ao redor mudou: de estradas abertas e vazias, agora víamos movimentação. Outras equipes também estavam chegando, algumas com estruturas que pareciam profissionais. Nossa caminhonete e

carretinha pareciam insignificantes em comparação, mas ninguém ali parecia se importar com isso.

— Finalmente! — disse Pedro, aliviado, enquanto entrávamos pelo portão principal.

Miguel dirigiu até a área reservada para nossa equipe e assim que estacionamos, todos saímos rapidamente, ansiosos para descarregar tudo e começar os preparativos.

Chegamos no mesmo dia à noite então iríamos descer algumas coisas como os colchões para dormir, apenas. E logo de manhã retirar o resto das ferramentas da caminhonete. Então descemos o carro e Pedro o estacionou no meio do nosso box, assim, atrás do carro, iríamos conseguir colocar os colchões.

A entrada dos boxes era na parte de trás do circuito, então só consegui chegar na pista depois de atravessar toda área reservada para nossa equipe. O circuito era maior do que eu imaginava. As arquibancadas ainda estavam vazias, mas os boxes já estavam tomados por mecânicos e engenheiros ajustando carros, preparando tudo para o dia seguinte.

Chegamos cansados da viagem. Então, depois de colocarmos os colchões no chão, me joguei nele e os três começaram a rir. Pedro, para entrar na brincadeira, se jogou encima de mim e logo após Miguel também, comecei a dar risada com uma mistura de desespero porque os dois em cima de mim daquele jeito já estavam me sufocando. Ana também dando risada falou para pararmos de palhaçada e irmos dormir, porque no dia seguinte teríamos de acordar cedo para preparar tudo.

Fomos dormir mas, durante a noite acordei acho que por conta da ansiedade. Havia um colchão vazio e eu saí do box para dar uma olhada na pista. Quando abri bem levemente o portão, me deparei com Pedro.

Caminhei em silêncio até ele, que estava ali, apoiado na grade, com os olhos fixos na pista à frente. A luz fraca dos postes iluminava o asfalto, revelando os contornos das curvas e das zebras pintadas de branco e vermelho. O silêncio da noite fazia tudo parecer mais imponente, como se a pista estivesse dormindo antes da batalha do dia seguinte.

— Não consegue dormir também? — perguntei, encostando ao lado dele.

Pedro sorriu de canto, sem desviar o olhar.

— Algo assim... — ele respirou fundo. — Gosto de ver a pista antes da corrida. É como se ela tivesse uma personalidade própria, sabe?

Fiquei em silêncio, esperando ele continuar.

— Olha essa reta — ele apontou com o queixo. — Parece tranquila, mas se você errar a freada na curva do final, já era. Tem que ser preciso, não pode hesitar.

Segui o olhar dele enquanto ele apontava com o dedo para outra parte da pista.

— Aquela curva ali... Parece aberta, mas se entrar rápido demais, você sai sambando e perde tempo. E aquela outra, depois dela... Engana fácil. O carro pede pra acelerar, mas se você for com muita sede ao pote, perde todo o traçado pra próxima.

Pedro suspirou e cruzou os braços.

— É engraçado, né? A gente passa semanas ajustando o carro, testando, mexendo em cada detalhe... Mas no fim das contas, a pista é quem dita as regras. É como dançar com alguém que você nunca conheceu antes. Tem que sentir o ritmo dela, entender o tempo certo de cada movimento.

Fiquei impressionado com o jeito que Pedro falava da pista. Nunca tinha pensado nela assim, como algo vivo, algo que precisava ser compreendido.

— Nunca pensei nisso desse jeito — confessei.

Ele riu baixinho.

— É... Com o tempo você aprende.

Por um instante, ficamos em silêncio. O vento frio da madrugada soprava de leve, e o único som além das nossas respirações era o farfalhar distante das árvores ao redor do circuito.

Pedro descruzou os braços e deu um tapinha no meu ombro.

— Vai dormir, Enzo. Amanhã é um dia longo.

— E você?

— Vou dar uma caminhada pela pista. Quero sentir ela um pouco mais antes de dormir.

Compreendi, respeitando o momento dele. Enquanto voltava para o box, olhei para trás e vi Pedro saindo para caminhar andando devagar pelo asfalto, as mãos nos bolsos e o olhar atento ao traçado.

Talvez ele estivesse certo. Talvez a pista realmente tivesse uma alma própria, esperando para ser desafiada.

Finalmente chegou o dia do *treino-livre* e iríamos pela primeira vez colocar o carro na pista conseguindo comparar desempenho com outros.

Assim que acordamos, Ana preparou para nós um lanche para passarmos a manhã. Logo fomos para a caminhonete terminar de descer as ferramentas e começamos a organizar o box. O espaço para nossa equipe era pequeno comparado ao das equipes mais estruturadas, mas era suficiente para o que precisávamos.

— Certo, vamos descarregar tudo e montar a área de trabalho — disse Miguel, já pegando algumas caixas da caçamba.

O chão do box ainda estava vazio, mas logo foi preenchido com nossos equipamentos: caixas de ferramentas abertas, laptop para análise de dados, pneus de reserva encostados em um canto e algumas garrafas d'água espalhadas para mantermos a hidratação.

Ana olhou em volta e sorriu:

— Não tá parecendo um box de equipe profissional, mas pelo menos tá funcional.

Eu ri e continuei ajudando a ajeitar as coisas. Assim que terminamos de descarregar, Pedro pegou o notebook e conectou ao sistema de telemetria do carro.

— Vou conferir os dados do último teste antes de irmos pra pista — ele disse, concentrado.

Enquanto isso, Miguel checava a pressão dos pneus e o nível de combustível, garantindo que tudo estivesse pronto para a sessão de treinos. Ana já estava deitada debaixo do carro, conferindo se não havia nada solto depois da viagem. E eu sempre ao lado dela ajudando com as ferramentas.

O ambiente era agitado. O barulho dos outros carros sendo ligados nos boxes vizinhos misturava-se com o som de ferramentas batendo, mecânicos conversando e o ronco de motores aquecendo para os primeiros testes.

— Certo, tá tudo pronto? — perguntei, olhando para a equipe.

Pedro fechou o notebook, Miguel limpou as mãos em um pano e Ana saiu de baixo do carro com um sorriso.

— Tudo certo — respondeu ela. — Agora é ver como o carro se comporta na pista.

Pedro já começou a vestir seu macacão e suas luvas.

Respirei fundo. Era hora de levar o carro para o primeiro treino e descobrir se todo o nosso trabalho valeu a pena.

Capítulo 9.

Pedro entrou no carro e ficou esperando nossa liberação para o treino. O motor já estava ligado, emitindo um ronco grave e metálico que ressoava pelo box. O cheiro de combustível queimado e borracha impregnava o ar. Faltavam poucos minutos para o início da sessão e aquele era o momento em que tudo o que trabalhamos nos últimos dois anos seria colocado à prova.

Miguel estava ao lado do laptop conectado à ECU, monitorando em tempo real os parâmetros do motor. Ele verificava a relação ar-combustível, temperatura do líquido de arrefecimento e pressão do óleo para garantir que tudo estivesse funcionando perfeitamente antes de Pedro acelerar para valer. Ana, concentrada no painel de telemetria, checava a calibração dos sensores e conferia se os dados estavam sendo transmitidos corretamente. Qualquer erro ali poderia comprometer toda a sessão.

— Pressão do óleo normal, temperatura estabilizada... Estamos prontos para rodar — disse Miguel, sem tirar os olhos da tela.

Olhei para Pedro dentro do carro. Ele segurava o volante com força, os dedos movimentando os botões para ajustar os últimos detalhes do display digital. A posição do banco e os pedais já haviam sido configurados para ele, garantindo a melhor ergonomia e eficiência na pilotagem.

— Pode liberar — disse Ana, olhando para Miguel.

Miguel fez um sinal com a mão e, imediatamente, Pedro engatou a primeira marcha. O barulho da engrenagem se encaixando ressoou pelo carro antes que ele começasse a se mover lentamente pela pit-lane. A partir desse momento, tudo dependia dele e do carro.

Ficamos atentos à telemetria. O diferencial estava funcionando corretamente? O motor estava entregando a potência esperada? Como o carro se comportaria nas curvas de alta? Tudo isso só seria respondido nas próximas voltas.

O rádio chiou e a voz de Pedro veio firme, mas carregada de ansiedade:

— Vamos ver do que essa máquina é capaz.

O carro avançou em direção à pista. Durante todo trajeto da pitlane conseguimos ver os boxes das outras equipes. Enquanto Pedro passava com o

carro, eles encaravam com um olhar de desprezo, acho que por sermos uma equipe recém formada que saiu de um simples projeto de uma universidade.

Nosso primeiro teste no momento seria de ritmo, veríamos quanto de performance o carro perde durante as voltas. Esse teste era essencial, pois faríamos uma ideia de como o carro estaria andando durante a corrida.

Durante 6 voltas o tempo de Pedro pareceu bem consistente, porém nossa felicidade não durou muito, logo no início da próxima volta Pedro abre o rádio e diz:

— Está difícil aqui, a cada volta que passa eu tenho que forçar cada vez mais o carro para manter o ritmo.

Eu fiquei muito chateado, parecia que não tinha sido suficiente todo nosso esforço mas Miguel interrompe meus pensamentos e fala no rádio:

— Isso já era esperado, faça mais algumas voltas e depois volte para o box.

Fiquei um pouco confuso, Miguel estava tranquilo mas porque o carro não estava respondendo como nos testes que fizemos, o que aconteceu de errado. Ana, depois de acalmar meus ânimos, me explicou o porquê Miguel estar visivelmente tranquilo. Ela disse que, por conta de todos os nossos testes terem sido durante a noite, ele não esquentaria tanto como agora com o Sol quase de meio-dia, mas na corrida de amanhã teríamos um ritmo melhor por ser no final da tarde.

Pedro voltou e tivemos que ficar um bom tempo analisando os dados, porque o carro, como estava em uma temperatura muito alta, precisou ficar em repouso. Não queríamos arriscar uma quebra antes da classificatória, e não teríamos recursos suficientes para consertar o motor.

Depois de ter esfriado o motor, eu e Ana começamos os ajustes para extrair o máximo de desempenho do carro. Nosso objetivo era simular uma volta de classificação, onde cada detalhe, por menor que fosse, poderia representar décimos preciosos no cronômetro.

Primeiro, revisamos a aerodinâmica. No difusor, garantimos que o fluxo de ar fosse otimizado para gerar o máximo de *downforce* possível. Cada mudança influenciaria o equilíbrio do carro na pista.

Depois, passamos para a calibragem dos pneus. Usamos um medidor digital para garantir que a pressão estivesse no nível ideal para uma volta rápida. Pressões mais baixas dariam mais aderência, mas demorariam mais para atingir a temperatura ideal, enquanto pressões mais altas aqueceriam mais rápido, mas

poderiam comprometer a tração. Optamos por um ajuste que equilibrasse essas variáveis.

O combustível também foi reduzido ao mínimo necessário. Menos peso significa mais velocidade e, para uma volta rápida, cada quilograma fazia diferença.

Enquanto finalizávamos os ajustes, Pedro já estava dentro do carro, ajustando o volante e conferindo os botões do painel. Ele sabia que aquele teste era o mais arriscado de todos. Forçar o carro ao máximo poderia expor falhas mecânicas ou desgastes que ainda não havíamos identificado. Mas também era essencial. Precisávamos entender até onde podíamos ir.

— Tudo pronto aí? — perguntou Miguel, verificando os sensores da telemetria.

— Tudo certo. Pode liberar — respondeu Ana, fechando a tampa do motor.

Pedro acelerou levemente no pit lane antes de entrar na pista. O som do motor subindo de giro encheu o ar e nós ficamos atentos às telas, monitorando cada parâmetro.

Na primeira curva, o carro parecia bem equilibrado. Mesmo sendo um carro sem asa, a estabilidade se mantinha como se existisse uma lá, e os pneus já começavam a atingir a temperatura ideal. Pedro manteve o pé cravado até a segunda curva, uma chicane rápida que exigia precisão.

— O carro está respondendo bem! — sua voz veio pelo rádio, carregada de adrenalina.

Na reta principal, o motor girava no limite, e o velocímetro indicava que havíamos ganhado velocidade em relação ao treino anterior. Mas na aproximação da curva 4, notamos algo estranho.

— Pedro, reporte a sensação do carro — pediu Ana, franzindo a testa ao olhar para os dados.

— Está vibrando muito na dianteira! Algo errado na suspensão!

Antes que pudesse reduzir a velocidade, o carro perdeu estabilidade na freada da primeira curva e escapou da trajetória. Pedro tentou corrigir, mas o carro saiu de traseira e rodou na área de escape.

Silêncio no rádio por um segundo que pareceu uma eternidade.

— Pedro, você está bem? — perguntei, segurando o fone com força.

A resposta veio com um suspiro pesado:

— Estou bem. Mas acho que temos um problema sério para resolver.

Pedro voltou ao box e saiu do carro com uma expressão séria, virou-se para nós irritado e disse:

— Voces tão tentando me matar né, só pode.

Quando ele disse isso me deu nos nervos, ele sempre foi duro nas críticas mas tínhamos feito nosso melhor para deixar o carro mais rápido e estável possível. Antes que eu pudesse falar alguma coisa que estourasse uma briga Ana interveio:

— Desculpa, mas a gente precisa que você fale um pouco mais sobre a pista também né, o erro não é só nosso da mecânica, o piloto tem que ajudar a gente caramba. — O box ficou um grande silêncio, Ana nunca tinha se irritado com alguém daquele jeito.

Mesmo com o silêncio Ana continuou:

— Acho que você rodou por conta de alguma ondulação ou algo do tipo, e com grandes ondulações a gente não poderia abaixar tanto a frente do carro. Assim para de passar ar embaixo e você perde toda a estabilidade.

Depois de tudo que Ana falou, Pedro se desculpou e aproveitou que o treino tinha acabado para falar sobre cada ponto da pista, cada coisa que ele sentiu, pegou um papel com o desenho da pista e foi especificando cada detalhe.

— Como a Ana disse, na curva 1 tem uma ondulação, pequena, mas se o carro não estiver apropriado, ele roda. Depois vem uma reta inclinada, ela faz o carro pegar um pouco de embalo, já a curva 2, eu tenho que fazer me preparando para as 3 e 4, porque são todas uma seguida da outra.

— Então se é uma curva atrás da outra, uma chicane, a gente levanta um pouco a dianteira para não cortar o vento na curva 1 e deixar a traseira do carro acho que 1 cm acima da dianteira, para facilitar nas curvas uma seguida da outra— falou Miguel.

— Sim, tem mais duas curvas parecidas logo após, só que depois vem duas retas e curvas de alta velocidade.— voltou Pedro a dizer

Pedro coçou o queixo, pensativo, enquanto analisava as sugestões. O carro precisava de equilíbrio: não podiam comprometer a velocidade nas retas, mas também não podiam perder estabilidade nas curvas.

— Se deixarmos a dianteira muito alta, vamos perder velocidade na reta e comprometer a estabilidade nas curvas de alta velocidade — comentou Ana.

Miguel, de braços cruzados, olhava o carro sobre os cavaletes.

— E se ajustarmos a cambagem dos pneus dianteiros?

Pedro ergueu uma sobrancelha.

— Como assim?

Ana pegou um bloco de notas e começou a rabiscar.

— Se aumentarmos um pouco o camber negativo dos pneus dianteiros, conseguimos mais aderência nas curvas de baixa velocidade. Isso ajuda nas curvas um, dois, três e quatro, que são sequenciais. Assim, o carro não sai tanto de frente.

Pedro assentiu.

— Mas se exagerarmos, os pneus vão desgastar muito mais rápido.

— Sim — respondeu Ana —, então precisamos achar um meio-termo. Podemos aumentar um pouco o camber negativo na dianteira, mas na traseira deixamos um valor mais conservador. Assim, conseguimos um bom balanço entre estabilidade na reta e *grip* nas curvas.

Miguel pegou as ferramentas.

— E também podemos ajustar a convergência das rodas dianteiras para melhorar a resposta da direção.

Pedro bateu levemente a mão no capô do carro.

— Parece um bom plano. Vamos fazer esses ajustes e testar.

Ana sorriu e anotou tudo antes de começarem a mexer no carro. Cada mudança era um pequeno passo para encontrar o equilíbrio idealmas, agora, só poderíamos ver se estávamos certos colocando o carro para competir para valer, que seria na classificatória.

O carro estava pronto. As últimas alterações foram feitas com precisão: cambagem ajustada, pressão dos pneus revisada, alinhamento conferido três vezes. Tudo agora dependia de como o carro responderia em alta velocidade, sob pressão, com o cronômetro correndo.

Miguel olhava os dados no tablet com atenção, enquanto Ana conferia os tempos dos outros carros que já haviam ido para pista. Eu me aproximei do rádio com o coração acelerado. Pedro já estava no cockpit, com o capacete encaixado e o olhar fixo à frente.

— Pedro, tá me ouvindo? — falei, apertando o botão.

— Claro. Vamos nessa — respondeu ele, a voz abafada pelo rádio, mas firme.

— Pode ir pra pista. Sem pressa no aquecimento dos pneus, tá? A gente quer entender como o carro responde. Dá uma volta de preparação e depois acelera — disse Miguel, tentando manter a calma que ele mesmo não sentia.

O carro saiu do box e, por um momento, o som do motor ecoando no *paddock* silenciou todos os nossos pensamentos. O barulho era uma mistura de esperança, ansiedade e horas incontáveis de trabalho.

Na volta de preparação, Pedro foi tranquilo. O carro parecia estável, mesmo nas curvas em sequência onde antes tínhamos problemas. As respostas estavam mais progressivas, o carro não escapava de frente como antes. Miguel cruzou os braços e trocou um olhar com Ana.

— Parece mais plantado — murmurou ela, olhando os dados em tempo real.

Na volta seguinte, Pedro abriu espaço, engatou a marcha certa na saída da curva e afundou o pé no acelerador. A classificatória havia começado pra valer.

— Entrando na volta rápida agora — avisou pelo rádio.

Eu fui para o lado da grade perto da pista e esperei Pedro iniciar a volta, peguei um cronômetro e comecei a contar, como sempre fiz nos testes. Ana e Miguel acompanhavam pelo tablet, quando menos percebi Pedro já apontava para terminar a primeira volta, ele passou, com um tempo incrível comparado com os rivais.

— Ele tá voando! — exclamei, quase sem acreditar.

Mas, ao final da segunda volta rápida, Pedro reportou algo estranho no rádio:

— Tô sentindo a traseira dançar um pouco nas curvas de alta. Tá melhor, mas ainda escorrega quando forço demais.

— Pode ser o camber traseiro — disse Ana, já anotando. — Se comprometeu um pouco a estabilidade em alta velocidade mesmo. Era o risco.

— Faz mais uma volta e traz o carro. A gente precisa desses dados — orientou Miguel.

Na volta final, Pedro forçou o carro até o limite. A curva três parecia feita em trilhos agora e o carro se manteve estável em sequência até a curva seis, onde uma leve saída de traseira o fez corrigir bruscamente o volante. Mesmo assim, cruzou a linha de chegada com um tempo promissor: P7 provisório.

— Belíssima volta, Pedro! — comemorei pelo rádio.

Ele respondeu com um “ufa” abafado, e em seguida pediu para entrar. O carro havia resistido, e mesmo com alguns ajustes ainda por fazer, estava competitivo.

Quando voltou aos boxes, o som dos pneus nos tapetes de borracha e o cheiro de motor quente dominaram o ambiente.

Pedro tirou o capacete e desceu com um sorriso discreto:

— Esse carro... ele tá começando a conversar com a pista.

Miguel e Ana riram, exaustos, mas satisfeitos. Estávamos no jogo. A classificatória havia acabado, e pela primeira vez sentíamos que acertamos a mão no carro. Agora, era ver se o carro aguentaria tanto tempo de esforço durante a corrida.

O Sol já estava alto, iluminando cada detalhe da pista, e o calor começava a tornar tudo ainda mais desafiador. Com o carro alinhado na sétima posição do *grid*, Pedro fazia os últimos ajustes no volante. A nossa equipe estava concentrada no rádio, monitorando tudo. Os cinco segundos para a largada pareceram uma eternidade.

As luzes vermelhas se acenderam uma a uma... e se apagaram.

Pedro largou — mas patinou. A tração não veio como esperávamos. Em questão de segundos, dois carros passaram por ele na primeira reta. Na freada da curva 1, outro o superou por fora. Quando completamos a primeira volta, já estávamos em décimo.

— Perdi algumas posições na largada... mas o carro tá inteiro — disse Pedro no rádio, com a voz tensa.

A equipe se entreolhou, mas ninguém disse nada. Ainda havia corrida pela frente. Muitas voltas.

Com ritmo consistente, Pedro começou a buscar os adversários à frente. Aproveitou o vácuo nas retas, freou tarde nas curvas, e com cada volta ganhava mais confiança. Na volta 8, ultrapassou um carro por dentro na curva 5. Depois, foi o nono colocado, numa manobra limpa na entrada da curva 3. O carro realmente estava bem acertado — rápido nas curvas de baixa, estável nas médias, e responsivo nas freadas. Era nossa melhor performance até então.

Na volta 14, já estávamos em oitavo. Restavam apenas seis voltas para o fim. Foi aí que aconteceu.

Pedro vinha embalado na reta oposta e viu a oportunidade de mergulhar por dentro do carro à frente. Quando pisou forte no freio para a curva 6, o inesperado:

— O freio não respondeu! — gritou Pedro no rádio, a voz abafada pelo capacete, mas carregada de pânico.

O carro seguiu reto, sem controle, direto para a área de escape, as rodas traseiras travaram, mas a dianteira esquerda, por algum motivo, não funcionou. Um rastro de borracha ficou marcado no asfalto. Ele conseguiu evitar a barreira de pneus e manteve o carro seguro, mas o susto foi grande.

Silêncio no rádio por alguns segundos, até que ouvimos:

— Estou bem. Mas os freios... falharam mesmo. Não estão firmes, o pedal tá mole. Tô levando devagar pros boxes.

O tempo parecia congelar enquanto víamos o carro se arrastando lentamente pelo circuito. Um a um, os adversários passavam. De oitavo, caímos para décimo segundo, depois décimo quarto. Quando Pedro finalmente chegou ao box, o clima era de frustração, mas também de alívio por ele estar bem.

Miguel foi o primeiro a se pronunciar:

— Vamos recolher o carro. Não vale a pena arriscar com o freio assim.

Abandonamos a corrida.

O barulho de Ana com a parafusadeira tirando as porcas dos pneus soava quase como um lamento. Ninguém falava, mas sabíamos: o carro tinha ritmo. Tinha potencial. Estávamos entre os 10 mais rápidos em pista até o problema.

Pedro desceu do carro com passos pesados. Tirou o capacete lentamente, ainda assimilando o que tinha acontecido. Seu macacão estava encharcado de suor e os olhos não escondiam a frustração. Ele olhou para o carro por alguns segundos, como se tentasse encontrar ali alguma explicação. Miguel, Ana e eu já estávamos em volta do monoposto, tentando identificar o problema o mais rápido possível.

Ana foi direto para a pinça do freio dianteiro esquerdo, enquanto Miguel observava a linha hidráulica.

— O disco da dianteira esquerda tá mais frio que os outros — disse Ana. — Pode ter havido uma vitrificação no disco.

— A pinça não está travada e os dutos estão íntegros. Mas a pinça traseira parece quente demais pro tempo que ele rodou depois do problema — completou Miguel, franzindo a testa.

Eu, do lado, observava tudo. Por fora, tentava parecer calmo, mas por dentro sentia como se tivéssemos perdido uma final. A corrida não só havia escapado, mas também escancarado algo que até então estávamos tentando ignorar: nosso sistema de freios precisava ser revisto com urgência.

Pedro sentou-se no chão do box, de costas para o carro. Pegou uma garrafa de água, bebeu em silêncio, e ficou olhando o movimento da pista. Os motores ainda rugiam e a corrida seguia — mas para nós, ela tinha terminado.

— Eu tava com ele na mão — murmurou, baixo, como se falasse só para si mesmo. — Se não fosse isso, eu ia buscar pelo menos mais um... talvez dois.

— Você pilotou bem, Pedro. A gente viu tudo — falei, tentando quebrar o silêncio.

Ele olhou para mim e assentiu com a cabeça.

— O carro tava diferente hoje... bom. Rápido. Preciso. Eu freava tarde, entrava forte, e ele segurava. Até não segurar mais...

Ana se aproximou e, com a voz mais calma que o normal, disse:

— Foi uma falha crítica. Mas não é culpa de ninguém. O sistema funcionou bem nos treinos e a falha só apareceu sob carga máxima, repetida. Agora sabemos o que revisar.

Pedro olhou para ela e soltou um sorriso fraco:

— Parece que o carro quis nos mostrar que ainda tem voz. E que não vai aceitar ser forçado sem estar 100% pronto.

O box começou a ser desmontado. A estrutura temporária, que nos abrigou, agora estava sendo recolhida. Era como encerrar um capítulo. Mas havia algo novo no ar — uma faísca de confiança.

Mesmo com a deceção, o sentimento geral era outro. Tínhamos, finalmente, um carro com potencial. A falha no freio nos tirou da corrida, mas também trouxe clareza: era ali que precisávamos atacar. Miguel já rabiscava no caderno de anotações, reestruturando o layout do sistema. Ana coletava dados de temperatura, pressão, desgaste. E eu... eu olhava para o carro com outros olhos. Pela primeira vez, não era só uma máquina inacabada. Era um projeto real. E podia ser vencedor.

Capítulo 10.

O disco de freio ainda estava ali, sobre a bancada, com a superfície vitrificada refletindo a luz da oficina como se fosse vidro. Ficamos um tempo só olhando para ele, como se fôssemos encontrar alguma resposta mágica no reflexo.

— A gente podia tentar lixar de novo... — arrisquei.

Ana balançou a cabeça, ainda com a testa franzida.

— Não vale a pena. O disco já tá no limite de espessura, e se a gente insistir nisso, pode comprometer a segurança do carro. Ainda mais se for uma pista de muita freada.

Miguel entrou no box nesse momento, limpando as mãos em um pano sujo de óleo.

— A próxima corrida é em um kartódromo, né? — perguntou. — Lá em Limeira, aquele cheio de curva e com pouca reta?

— Exato — confirmou Ana. — E lá a frenagem é mais distribuída, não tem grandes zonas de desaceleração. Se a gente pegar um disco mais simples e só alinhar com pastilhas novas, aguenta o tranco.

— Mas por ser um kartódromo, o circuito não é pequeno para os carros? — Perguntei.

— Sim, mas é um kartódromo muito grande só para os karts, um carro de fórmula 1600 cabe lá dentro facinho. Só as ultrapassagens é que vão ser mais apertadas. — Respondeu Ana

— Tá, mas e o disco, trocamos? Que disco a gente vai usar?

Ana puxou debaixo da bancada uma caixa com alguns discos usados, mas ainda com bastante vida útil.

— Esse aqui. Era de um protótipo antigo que nunca chegou a correr. Vai servir. Pelo menos não vai vitrificar em duas voltas.

Começamos a desmontar o sistema com pressa, mas o clima não era tenso. Estábamos mais tranquilos agora, com um plano em mãos.

Enquanto eu encaixava os novos discos, Ana ficou ao meu lado, segurando a lanterna. De tempos em tempos, nossos olhares se cruzavam por segundos a mais do que o necessário. Até que, em um momento de silêncio, ela falou baixo:

— Você sempre foi assim?

— Assim como?

— Quietinho. Focado. Meio no mundo da lua às vezes.

Sorri, meio sem graça.

— Acho que sim. Quando eu era pequeno, meu pai dizia que eu tinha “alma de velho”. Ficava desmontando as coisas da casa só pra ver como funcionavam. Controle remoto, rádio, até o chuveiro uma vez...

Ela riu. Aquele riso meio rouco dela, que eu começava a reconhecer de longe.

— E o que te trouxe pra isso? Pro carro? Pra equipe?

Parei por um instante. Olhei para o carro levantado no cavalete, coberto de graxa, poeira, suor. Depois para Ana.

— Eu acho que... no fundo, eu só queria pertencer a alguma coisa. Ser parte de algo que tivesse propósito. E aqui, com vocês, eu encontrei isso. Pela primeira vez, sinto que o que eu faço importa.

Ana ficou em silêncio por alguns segundos, só observando. Depois sentou no chão da oficina, encostada na parede.

— Eu também. A engenharia me fascinava, mas sempre foi solitário. Quando entrei na equipe, achei que ia ser só projeto, cálculo... Mas aí veio a convivência, o barulho da corrida, o cheiro de pneu queimado e tudo começou a ter alma.

Me sentei ao lado dela. Estávamos ali, cansados, sujos, mas completamente em paz.

— Você acha que a gente vai ganhar uma corrida esse ano? — perguntei.

Ela olhou pra frente, pensativa.

— Acho que sim. Mas se não ganharmos, também não tem problema. O que a gente tá construindo aqui é maior do que uma vitória. É um caminho. E eu quero seguir esse caminho... com você junto.

Fiquei em silêncio. Não porque não tinha o que dizer, mas porque, pela primeira vez, as palavras pareceram pequenas demais para caber naquele momento.

Capítulo 11.

Segunda corrida do ano. O sábado amanheceu com um céu limpo e um calor que prometia testar homens e máquinas. Chegamos cedo ao autódromo e o ronco dos motores já preenchia o ar. O cheiro de gasolina, óleo queimando e expectativa parecia nos envolver como uma segunda pele.

Pedro estava focado. Enquanto Miguel revisava os dados do carro e Ana ajustava o sistema de telemetria, eu ficava por perto, entre ferramentas, aprendendo com os olhares e os silêncios. O treino livre foi quase perfeito. Pedro entrou na pista sem pressa, aqueceu os pneus com cuidado, e logo começamos a ver tempos competitivos no painel. O novo sistema de freios, que tanto nos deu dor de cabeça na estreia, agora respondia com precisão.

— Tá redondo — disse Pedro pelo rádio. — Nunca senti o carro tão na mão.

Ana sorriu, Miguel cruzou os braços satisfeito, e eu... bem, eu simplesmente não conseguia parar de sorrir. Era como se estivéssemos respirando juntos, carro e equipe, depois de semanas de tensão.

Perto do final do treino, Pedro veio para os boxes para ajustes finos. Testamos diferentes pressões nos pneus, mexemos nas barras estabilizadoras e cada detalhe parecia alinhar o carro um pouco mais com a pista.

Quando o treino acabou, saímos com o oitavo melhor tempo. Não era *pole position*, mas pela primeira vez, tínhamos certeza: estávamos no jogo.

À tarde, a temperatura caiu alguns graus, mas o clima no *paddock* esquentava. A classificação era de tiro curto: 20 minutos pareciam muita coisa, mas não era. Pedro sabia o que fazer. Entrou no carro sério, calado, apenas levantando o polegar para Miguel antes de colocar o capacete.

— Vamos deixar ele trabalhar — disse Ana, apoiando-se ao meu lado no *guard-rail*.

A primeira volta foi limpa, mas conservadora. A segunda, agressiva, beirando o limite. Na terceira, Pedro simplesmente dançou com o carro, raspando centímetros das zebras, tirando cada décimo possível. Quando cruzou a linha, o painel cravou: P11.

— Décimo primeiro no *grid* — anunciou Miguel, com um sorriso orgulhoso. — Amanhã vai ser divertido.

À noite, no box com os colchões, ficamos os quatro revendo os dados no laptop do Miguel, jogando conversas fora e, em algum momento, Ana apoiou a cabeça no meu ombro enquanto assistíamos aos dados do carro. Eu não sabia o que me deixava mais ansioso: a corrida ou aquela nova dança que começava entre nós.

Domingo. O calor voltou com força. O autódromo parecia ferver e os pneus brilhavam sob o Sol. Na largada, Pedro manteve a calma. Enquanto outros se embolavam nas primeiras curvas, ele contornou por fora, ganhando duas posições já na volta inicial. O rádio estalava com as vozes de Miguel e Ana, coordenando estratégia, enquanto eu anotava tempos de volta num caderno que mal conseguia segurar de nervoso.

Volta após volta, Pedro foi avançando: nono, oitavo, sétimo. Na metade da prova, estávamos em sétimo, com o carro vibrando forte, mas seguro. O motor parecia cantar uma melodia nova, um som encorpado que até Ana comentou:

— Ouve isso. Ele tá feliz hoje.

Nos boxes, todo mundo prendia a respiração a cada frenagem, mas os freios aguentaram, firmes como nunca. Quando faltavam cinco voltas, Pedro fez uma ultrapassagem limpa sobre o carro #23, assumindo a sexta posição.

Porém, não muito tempo depois, Pedro solta um rádio:

— Tô perdendo potência, o que que tá acontecendo?!?

Logo em seguida é ultrapassado novamente: por conta do calor o motor estava esquentando nas últimas voltas.

— Última volta — anunciou Miguel pelo rádio. — Respira, Pedro. Traz o carro pra casa, só termina isso.

E ele trouxe. Sétimo lugar, nossos primeiros pontos no campeonato.

Nos boxes, o clima era de festa — discreta, mas genuína. Miguel abriu duas garrafas de refrigerante, sacudiu uma como se fosse champanhe, e gritou:

— Às vitórias discretas!

Rimos, brindamos e logo o barulho das ferramentas tomado conta enquanto desmontávamos o carro para a viagem de volta. Ana se aproximou de mim, suada, o cabelo preso de qualquer jeito, com aquele mesmo sorriso lindo que eu já tinha aprendido a esperar.

— Você percebeu como nosso carro tá ganhando personalidade?

— Como assim?

— Ele vibra diferente agora. O som do motor, o jeito que responde nas curvas... é como se ele estivesse nos entendendo.

— Ou talvez a gente é que começou a entender ele — murmurei, quase sem pensar.

Ela assentiu, os olhos brilhando.

No meio do barulho das caixas de ferramentas, dos risos abafados e das histórias repetidas, havia um silêncio só nosso — uma dança silenciosa entre máquina e piloto, entre equipe e sonho. E, no meio disso tudo, Ana e eu começamos a dançar no mesmo ritmo.

Capítulo 12.

O terceiro final de semana da temporada começou com ares otimistas. Depois do sétimo lugar na última corrida, a equipe estava animada, embora cautelosa. No *briefing* de sexta à noite, Miguel deixou claro:

— Pontos. É só isso que eu quero. Não precisa inventar. Um top 10 mantém a gente no jogo.

No sábado de manhã, a pista acordou quente, com Sol a pino. Pedro entrou no carro para os primeiros treinos e logo vieram os comentários pelo rádio:

— Tá puxando pra direita na curva rápida.

Ana e eu nos apressávamos nos ajustes, tentando acertar alinhamento e suspensão. Apesar do esforço, o carro parecia nervoso, difícil de domar.

Na classificação, Pedro só conseguiu um modesto décimo terceiro lugar no grid. Ele saiu do carro bufando, atirou as luvas no banco e resmungou para Miguel:

— Não sei o que tá acontecendo. Tá escorregando demais.

Miguel deu tapinhas nas costas dele:

— Paciência. A gente conserta metade disso na estratégia.

Enquanto trabalhavam no box, eu percebi um carro preto e vermelho parando no pit ao lado. O som do motor desligando, o piloto tirando o capacete. Ele congelou.

— Ana... olha quem tá ali.

Ana virou devagar. O estômago afundou.

Lucas.

O mesmo sorriso autoconfiante, agora vestindo as cores de outra equipe. Ele conversava animado com os mecânicos, parecia em casa. Eu senti um aperto no peito — não de raiva, mas de surpresa.

— Ele não perdeu tempo. — murmurou Ana.

Miguel, que chegou na hora, só balançou a cabeça.

— Sabia que ele não ia sumir. A gente só não sabia onde ele ia aparecer.

Pedro foi o último a notar. Quando eu comentava no box, ele nem precisou olhar.

— Sabia. — murmurou Pedro, com um riso sem humor. — Ele caiu pra cima.

Mas, surpreendentemente, ele não foi atrás de Lucas. Apenas ficou mais calado, mais tenso.

A largada foi caótica. Logo na segunda volta, Pedro escapou da pista numa zebra alta e perdeu três posições. O rádio estourava com as instruções de Miguel, tentando acalmar o piloto. No meio da corrida, outro problema:

— Temperatura subindo, temperatura subindo! — Pedro avisava, nervoso.

Ana e eu revezamos no monitoramento dos dados. O carro estava superaquecendo — precisaram reduzir o ritmo para garantir que ele chegasse ao fim.

Enquanto isso, Lucas desaparecia lá na frente, duelando entre os primeiros. Nenhum contato direto, apenas o fantasma constante no espelho retrovisor emocional da equipe.

Quando caiu a bandeirada, Pedro cruzou em décimo, arrancando um mísero ponto. No rádio, Miguel tentou aliviar:

— Bom trabalho. Trouxe o carro pra casa. É o que importa.

Pedro, no entanto, ficou em silêncio.

No parque fechado, enquanto desmontavam o carro, Ana sussurrou para mim:

— Você percebeu? Ele sabia que a gente estava aqui.

Eu assentiu.

— E ele não veio falar nada.

Pedro, do canto do box, olhava de longe Lucas sendo comemorado pelos mecânicos da nova equipe. O olhar dele era uma mistura de frustração e desafio contido.

— Deixa ele. — disse Pedro baixinho. — O campeonato é longo.

Miguel, passando por trás, soltou um comentário casual:

— Só não demora pra acertar esse carro, porque aquele lá não vai esperar a gente, não.

A equipe recolheu os equipamentos em silêncio, sentindo o peso de um fantasma que ninguém queria enfrentar — ainda.

Na segunda-feira, já na oficina, Pedro estava sentado no chão, encostado na parede, passando um pano em uma pinça de freio. Eu me aproximei, larguei uma garrafa de água do lado dele e me sentei também. Ana mexia num laptop próximo, mas ouvia tudo de orelhada.

Pedro soltou um suspiro longo.

— Sabe o que é engraçado? -ele começou, sem olhar pra ninguém.

— No começo do ano passado, quando o Lucas tava com a gente... eu não suportava ele.

Ergui as sobrancelhas.

— Por quê?

Pedro soltou uma risada seca.

— Ele era cabeça dura. Sempre sabia mais, sempre tinha razão, sempre falava por cima. Não importava se a gente tava montando suspensão, ajustando freio ou discutindo estratégia — era sempre do jeito dele.

Ana virou levemente na cadeira.

— Eu achava que vocês se davam bem.

Pedro balançou a cabeça.

— A gente se tolerava. Ele era rápido, isso eu não nego. O problema era o resto. Se a gente discordava de alguma coisa, ele fazia questão de provar que tava certo na prática — às vezes colocando o carro em risco. E quando dava errado... bom, aí era sempre culpa de outro.

Ele passou o pano lentamente no metal, pensativo.

— Quando ele foi embora, eu até fiquei aliviado. Mas vendo ele ontem, lá na frente... sei lá. Acho que ele encontrou o lugar onde ele podia ser ele mesmo. E agora a gente vai ter que lidar com isso na pista.

Dei um meio sorriso.

— Talvez seja bom pra gente. Ter um alvo claro.

Pedro soltou um grunhido de riso.

— Ou um espelho.

Ana se levantou, cruzou os braços e sorriu de canto.

— Só sei de uma coisa: a gente vai precisar trabalhar o dobro se quiser brigar lá na frente. E sem cabeça dura aqui dentro.

Pedro ergueu a garrafa d'água num brinde silencioso.

— Combinado.

O clima no galpão ficou leve de novo, mas por baixo pairava uma certeza: a verdadeira corrida só estava começando.

Capítulo 13.

Depois de 3 semanas seguidas de corrida a equipe finalmente teve tempo para verificar o carro com mais atenção. A oficina da faculdade fervilhava no início da semana. O carro estava suspenso, rodas desmontadas, ferramentas espalhadas, laptops abertos com gráficos de telemetria. O cheiro de óleo e graxa enchia o ar.

Pedro soltou um suspiro enquanto limpava as mãos num pano encardido.

— Ele escapava nas curvas rápidas. Eu tinha que corrigir toda hora — reclamou, andando de um lado para o outro. — E o motor... não sei, parecia que ia esquentar demais.

Miguel, concentrado no notebook, franzia a testa.

— Olha isso aqui... a temperatura do óleo foi quase no limite — apontou.

Ana espiava por cima do ombro dele, os olhos brilhando de curiosidade.

— E a suspensão traseira estava muito mole. Isso explica o carro saindo de traseira.

Eu, um pouco afastado, folheava o caderno de anotações. Me aproximei devagar.

— E se mexermos primeiro na barra estabilizadora? Antes de mexer na aerodinâmica? — sugeriu.

Pedro bufou.

— Não adianta nada se o *sidepod* não gerar carga para baixo.

Ana cruzou os braços.

— E se a gente reforçar os dois? Suspensão e aerodinâmica.

O debate esquentava. Miguel ergueu as mãos.

— Gente, calma. Vamos fazer uma coisa de cada vez. Primeiro a suspensão, depois a aero.

A noite caiu do lado de fora, mas dentro da oficina o tempo parecia não passar. Ana e eu trabalhamos juntos desmontando os amortecedores, rindo baixinho quando um parafuso teimoso resistia.

— Você já percebeu que a gente sempre briga com a mesma peça? — Ana brincou.

— É quase pessoal — ri, passando a chave para ela.

Pedro estava deitado debaixo do carro, tentando encaixar a nova barra estabilizadora.

— Miguel, gira um pouco aí, eu não alcanço! — gritou.

— Relaxa, já tô indo — Miguel respondeu, trazendo uma garrafa de refrigerante que ele havia resgatado da cantina. — Combustível oficial da equipe.

Havia pequenas faíscas no ar quando Ana soldava uma nova peça de reforço. Eu olhava fascinado, quase hipnotizado pela luz azulada do arco elétrico e pelo jeito seguro como Ana manuseava a solda.

Entre uma tarefa e outra, Pedro puxou assunto, limpando o suor da testa.

— Sabem... Lucas era cabeça-dura desse jeito também. Sempre ele estava certo. No começo do ano passado a gente quase saiu no soco por causa do ajuste do freio.

Ana ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Nunca imaginei você brigando com alguém. — comentou Ana com um tom humorístico.

Pedro riu de canto.

— Pois é. Mas o cara era talentoso, não dá pra negar.

Já passava das onze da noite quando o carro foi baixado do cavalete. Miguel estalou os dedos.

— Bora testar.

No estacionamento vazio, Pedro assumiu o volante. Enzo ajudava Ana a prender o capô. Miguel dava os últimos toques no laptop, checando a injeção eletrônica.

O motor rugiu — mais limpo, mais cheio.

Pedro deu uma volta lenta, depois acelerou. A equipe ficou parada, escutando.

Quando ele voltou, parou ao lado deles e abriu o capacete, o rosto iluminado.

— Isso... isso sim é um carro! — gritou, empolgado.

Ana bateu no meu ombro.

— A gente tá começando a entender ele.

Dei um sorriso de canto.

— Ou ele tá começando a entender a gente.

Naquela noite, ninguém precisou dizer mais nada. Entre parafusos, graxa e sonhos, a equipe dava seus primeiros passos como uma família de verdade.

Capítulo 14.

A temporada avançava a passos largos e nós junto dela.

Na quarta corrida, Pedro brilhou. Largamos em oitavo e, com ultrapassagens precisas e um carro equilibrado, cruzamos a linha em quarto lugar. Foi nossa melhor posição até ali. Mas quando a poeira baixou, lá estava a equipe de Lucas — sempre um passo à frente, acumulando pontos e mantendo-se em sexto no campeonato. Nós estávamos em sétimo: já era o necessário, mas já que poderíamos mais, por que não? A diferença era pequena, mas irritantemente constante.

Na quinta corrida, sob um calor insuportável, nosso trabalho de equipe fez a diferença. Com os *feedbacks* de Pedro, e com os ajustes precisos de Ana e eu, Pedro, cada vez mais afinado com o carro, terminou em sexto. Ainda assim, a equipe de Lucas abocanhou um pódio, mantendo a distância. O clima no box era estranho — mistura de orgulho e frustração. Eu, Ana e Miguel nos olhávamos, sabendo que estávamos no caminho certo, mas ainda esperando a chance de ouro.

Na sexta corrida, a chuva apareceu para embaralhar tudo. Enquanto várias equipes escorregavam — literalmente — Pedro foi impecável. Um quarto lugar que arrancou aplausos até de adversários. Mas, adivinhem? Lucas ficou logo colado atrás, em quinto. A diferença no campeonato parecia um jogo de empurra: eles abriam, nós colávamos. O campeonato, agora, era um campo minado, com cada ponto sendo disputado como se fosse o último.

E então veio a sétima corrida.

Era ali que a história mudaria.

Logo no treino, o clima estava tenso. Nos boxes, ouvimos os murmúrios — “Lucas tá rápido, Pedro tá nervoso”. A classificação colocou os dois lado a lado: Lucas em sétimo, Pedro em oitavo. Quando vi os dois se cumprimentando antes da largada, percebi a tensão nos olhos de Pedro. Ana notou também.

— Isso vai dar problema — ela murmurou, quase como uma profecia.

A largada foi um caos de fumaça e roncos de motor. Nas primeiras voltas, Pedro foi crescendo, colando em Lucas. As câmeras não desgrudavam dos dois — cada curva era um duelo, cada freada, um aviso.

Na metade da prova, o inevitável aconteceu: um toque, Pedro forçando por dentro, Lucas fechando a porta. Eu preendi a respiração enquanto os dois saíam da pista, cortando pela grama. Pedro voltou à frente na pista. Lucas voltou logo em seguida e tentou caçar Pedro a todo custo, mas Pedro segurou como um gigante até a bandeirada, cruzando em quinto, Lucas logo atrás, em sexto.

Quando Pedro desceu do carro, o sorriso era metade alívio, metade vingança. Nos boxes, comemoramos como se fosse uma vitória.

— Agora é guerra aberta — Miguel disse, quase rindo.

Eu olhei a classificação do campeonato e não consegui conter o sorriso.

— Se preparem. Estamos em sexto no campeonato. A equipe do Lucas, sétima. E ainda faltam 7 corridas.

Ana bateu de leve no meu ombro.

— Vai ser longo, Enzo. Mas vai ser bonito.

Após a corrida, já na oficina da faculdade só festa, aquela era a última corrida antes das férias que, por coincidência bateram certinho com as da faculdade. Mas ela ficaria aberta, então poderíamos melhorar o carro durante esse período. Decidimos que só na última semana do mês voltariamos às atividades.

Capítulo 15.

Na primeira semana, tentei me distrair: maratonei séries, mexi em coisas velhas no quarto, dei uma geral no computador. Mas, logo, o tédio bateu. Miguel estava viajando, Ana tinha ido visitar a família no interior e Pedro... bom, Pedro nem respondeu minhas mensagens.

Então, numa tarde qualquer, uma notificação me pegou de surpresa. Era um grupo antigo da escola, reativado por algum motivo. Entre piadas internas e memes desatualizados, surgiu o convite: uma saída naquele sábado, só pra matar a saudade.

Aceitei.

Encontramos num barzinho perto da casa de um deles. Foi engraçado ver como o tempo tinha passado, mas ao mesmo tempo não tinha mudado nada. As conversas iam de “lembra quando o professor...” até “e aí, tá fazendo o quê da vida?”.

Mas o que mais me chamou atenção foi ver a Duda de novo. Ela estava lá, sentada no canto, mexendo no copo de suco como sempre fazia. Quando nossos olhares se cruzaram, veio aquela sensação estranha — meio familiar, meio distante.

Conversamos a noite toda. Era como se o tempo tivesse congelado só pra nós dois. Rimos das histórias antigas, falamos sobre os planos que nunca realizamos, sobre as coisas que deixamos pra trás. Em algum momento, os outros começaram a ir embora, e eu nem percebi.

— Tá tarde já — ela disse, olhando o celular. — Quer uma carona?

Aceitei, claro. O caminho de volta foi mais silencioso, mas não desconfortável. Ela parou o carro na frente da minha casa, mas ao invés de me despedir, fiquei ali parado, olhando pra ela. E ela, de volta.

Foi quando tudo aconteceu. Um impulso, um momento suspenso. Me inclinei. Ela também.

O beijo foi suave, quase tímido no começo, mas cheio de histórias não ditas. E quando percebi, já estava dentro do carro de novo, as janelas embaçadas, os sorrisos meio culpados, meio cúmplices.

Mas, ao entrar no meu quarto e encostar a porta, a culpa bateu forte. Me joguei na cama e fiquei olhando pro teto.

Ana.

A imagem dela me invadiu de repente: o jeito que ela mexia no cabelo quando estava concentrada no carro, o sorriso de canto de boca, aquele olhar cúmplice no meio da oficina, como se estivéssemos decifrando o mundo só nós dois.

“O que você tá fazendo, Enzo?”, pensei.

Tentei argumentar comigo mesmo. Não tínhamos nada definido. Um beijo ali, outro aqui... Ana nunca disse nada. Eu também não. Mas, por dentro, sabia que era mais do que amizade. Sabia que, de alguma forma, estávamos dançando em uma linha tênue desde o primeiro dia que me aproximei dela.

E agora?

Duda. Ana.

Duas histórias completamente diferentes. Duda representava tudo que eu deixei na escola, um passado confortável, conhecido, seguro. Ana... Ana era o agora, o incerto, o futuro que me dava medo e vontade ao mesmo tempo.

Virei de lado na cama, tentando ignorar a confusão na minha cabeça. Mas a imagem do beijo insistia em voltar. A risada da Duda ecoava junto da voz da Ana me chamando no meio da oficina. Era como se os dois mundos estivessem se sobrepondo, e eu no meio, sem saber pra qual lado olhar.

E, pela primeira vez desde o início da temporada, percebi que talvez o campeonato mais difícil não fosse na pista. Mas dentro de mim mesmo.

Alguns dias depois, a rotina começou a voltar ao normal. Miguel finalmente voltou da viagem com a família, cheio de histórias, enquanto Ana regressou da casa dos pais no interior, dizendo que estava morrendo de saudade da oficina.

Decidimos que merecíamos um momento fora das chaves de boca e dos cronômetros. Combinamos de passar a tarde numa praça perto da universidade — um lugar simples, mas com um grande campo aberto, quadras esportivas e trailers de comida espalhados ao redor. Um canto que todo mundo conhecia, mas que raramente tínhamos tempo pra aproveitar.

Cheguei no horário marcado. Ana já estava lá, sentada na mureta próxima ao campo, mexendo no celular. Quando me aproximei, ela levantou o olhar e sorriu. Eu sorri de volta e a cumprimentei com um beijo leve no rosto. Mas... algo estava estranho. O beijo parecia vazio, frio. Nem ela nem eu soubemos o que dizer naquele momento.

“Por que parece que tem uma parede invisível entre a gente agora?” pensei. Mas antes que pudesse tentar quebrar o silêncio, uma voz mais animada ecoou:

— Ôôô! Olha eles aí!

Miguel vinha caminhando com aquele jeito expansivo de sempre, ao lado de Pedro — que trazia sua cara habitual de quem preferia estar dormindo — e de uma menina que eu nunca tinha visto antes.

Ela ria de alguma piada do Miguel enquanto ajeitava a bolsa no ombro. Me inclinei na direção da Ana, baixinho:

— Quem será que é essa?

Ana deu de ombros, igualmente curiosa.

Quando eles chegaram perto, Miguel abriu os braços, todo orgulhoso:

— Pessoal, essa aqui é a Lívia, minha namorada!

Ana e eu trocamos um olhar instantâneo, quase em choque.

— NAMORADA?! — dissemos os dois ao mesmo tempo, meio rindo, meio incrédulos.

Miguel deu risada, como se fosse óbvio:

— Ué, sim. Já faz uns quatro anos.

— Quatro anos?! — Ana arregalou os olhos. — Mas... como assim, Miguel? A gente nunca te viu com aliança, nunca falou nada!

Ele puxou o cordão que usava no pescoço e mostrou a aliança pendurada ali, brilhando ao sol:

— Eu não uso no dedo quando tô na oficina. Morro de medo de perder ou enganchar em alguma coisa. Melhor deixar no colar.

Ana balançou a cabeça, rindo:

— Não acredito... você é uma caixinha de surpresas, hein.

Pedro sentou na mureta e já começou a cutucar Ana, implicando:

— A gente aqui achando que o Miguel era o solteirão do grupo...

Enquanto todos riam, eu olhei de canto pra Ana. Ela também me olhou, mas desviou rápido, voltando pro papo com os outros. Algo ali ainda estava estranho. Tinha um peso no ar entre nós, um desconforto que só eu parecia sentir.

A tarde seguiu leve, entre piadas, histórias da infância da Lívia com o Miguel, e algumas tentativas frustradas de jogar vôlei na quadra. Mas, por dentro, eu continuava remoendo aquele beijo chocho da chegada, e a lembrança daquela noite com a Duda.

E foi ali, sentado na grama enquanto o Sol começava a baixar, que percebi: às vezes, o problema não era a ausência de palavras... era o que a gente escolhia não dizer.

Até que, em um momento, enquanto eu, Miguel e Pedro tentávamos — de forma completamente desajeitada — jogar vôlei na quadra de areia, Ana se aproximou rindo, estendendo a mão:

— Me dá seu celular, Enzo. Quero tirar umas fotos de vocês pagando mico.

— Ah, vai zoar mesmo? — brinquei, entregando o celular.

— Óbvio — ela respondeu, piscando.

Ela se afastou um pouco, enquadrando a gente com a câmera, dando risadas enquanto capturava nossos saltos descoordenados, as boladas na rede e os tropeços. Mas, em algum momento, entre uma foto e outra, ela parou. Ficou olhando a tela por alguns segundos a mais.

Meu sorriso começou a sumir. Eu sabia exatamente o que ela tinha encontrado.

Depois daquela noite com a Duda, a gente tinha voltado a conversar... mensagens trocadas tarde da noite, memes, piadinhas privadas... e uma ou outra foto dela no espelho, nada explícito, mas íntimo o suficiente pra deixar claro que algo estava rolando.

Eu vi os olhos da Ana mudarem enquanto ela rolava a galeria sem pressa. Não disse nada. Só continuou mexendo no celular, como se nada tivesse acontecido. Mas eu percebi. O jeito que o sorriso dela sumiu, o brilho no olhar se apagou, o corpo ficou mais fechado.

Devolveu o celular quando a gente terminou o “jogo”.

— Tá aí, algumas fotos boas... outras nem tanto — falou, forçando um sorriso.

Eu peguei o celular, olhei de relance para ela, mas Ana já estava andando de volta para onde a Lívia estava sentada na grama, conversando com outro grupo.

Miguel me cutucou:

— E aí, qual foi? Ela viu alguma foto sua sem roupa, foi? — riu.

Eu balancei a cabeça, forçando uma risada também, mas um aperto estranho começou a crescer no peito.

Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ia ter que lidar com aquilo.

Mas por enquanto... deixei a bola cair no chão e segui o jogo, como se nada tivesse acontecido.

Só que nada nunca passa ileso assim.

Capítulo 16.

A semana seguinte chegou como um despertar brusco. As férias acabaram, as aulas voltaram, e, mais importante ainda, o campeonato se aproximava da segunda metade. Na oficina da faculdade, voltamos a nos reunir. Pedro já estava debaixo do carro antes mesmo de eu chegar, mexendo na suspensão. Miguel discutia com um professor sobre uma peça nova do câmbio.

Ana estava sentada no canto, digitando algo no notebook da equipe, os fones de ouvido postos. Quando entrei, ela olhou rapidamente, um aceno breve com a cabeça, e voltou a digitar.

Havia algo... diferente.

O sorriso espontâneo dela, o jeito de me cutucar com o cotovelo quando passava perto, os olhares cúmplices — tudo parecia mais contido. Mais polido.

— Precisamos revisar o sistema de arrefecimento — comentei, me aproximando. — Tá na lista?

Ela tirou um dos fones.

— Tá. Já marquei pra amanhã cedo. — a resposta foi prática, direta.

Eu respirei fundo, forçando naturalidade.

— Legal. Eu vou ajudar o Pedro ali com o braço da suspensão.

Voltei para perto do carro, mas a cabeça ficou com ela. O jeito dela falar... ainda era Ana, mas não era *a mesma Ana*. Parecia que havia uma parede invisível agora, construída entre nós depois daquela tarde na praça.

Miguel chegou perto com um sorrisinho.

— Vocês brigaram? — perguntou baixinho.

— Não... — respondi, rápido demais. — Só... não sei.

Ele deu de ombros.

— Melhor resolver logo. Vocês dois são o coração dessa equipe. Não dá pra correr com clima estranho.

Eu sabia. Mas como resolver algo que nem tinha sido dito em voz alta?

O resto da tarde passou entre ferramentas, graxa e ajustes. Cada um focado em uma parte: Pedro testava os amortecedores novos, Miguel verificava os sensores de telemetria, Ana revisava os mapas do motor no notebook. Eu circulava entre eles, tentando ajudar em tudo, mas com a cabeça em outro lugar.

No final do expediente, antes de desligarmos as luzes da oficina, Ana finalmente falou:

— Enzo... boa sorte nos ajustes amanhã. — e saiu, antes que eu pudesse responder.

Fiquei parado, olhando para a porta fechada, o coração batendo rápido.

A próxima semana traria a volta das corridas. Mas a verdadeira corrida parecia estar acontecendo aqui dentro — entre o que eu sentia, o que eu escondia... e o que eu estava prestes a perder.

Miguel, chegou ao meu lado, vendo toda a cena e disse:

— Você, tá ferrado. Nunca vi a Ana assim.

Tivemos uma pausa de silêncio, mas Miguel volta a dizer:

— É bom você resolver isso antes da próxima corrida, não importa como viu.

No dia seguinte, voltei para a oficina mais cedo. As ferramentas ainda estavam organizadas do jeito que deixamos na noite anterior, o carro no cavalete, coberto. O silêncio era confortável ali, como se a oficina estivesse respirando quieta antes da correria.

Eu sabia que precisava falar com Ana. E não podia esperar mais.

Quando ela chegou, com o cabelo preso de qualquer jeito e a mochila no ombro, me viu esperando perto da bancada. Parou um instante, olhando desconfiada.

— Tá tudo bem? — ela perguntou, sem ainda entrar totalmente.

— Ana... — chamei, tentando escolher as palavras. — A gente pode conversar? Só eu e você?

Ela assentiu devagar, largando a mochila e me seguindo até o fundo da oficina, perto das janelas grandes que davam pro estacionamento. Ali era mais tranquilo, longe do barulho das máquinas.

Ficamos um tempo em silêncio, até que fui direto:

— Eu sei que você ficou estranha comigo depois da praça. Eu... sei que você viu algo no meu celular.

Ana abaixou o olhar, mexendo nos dedos.

— Eu vi as mensagens. Não procurei, juro. Mas elas tavam lá... abertas.

Assenti, sentindo o peso das palavras.

— Eu devia ter falado. Sobre a Duda. Não foi... nada sério. Foi só... aconteceu. Eu não queria que parecesse que eu tava escondendo de você.

Ela respirou fundo, encarando o chão.

— Eu não tenho o direito de cobrar nada. A gente nunca... falou sobre isso.

— Mas eu me importo, Ana — interrompi, a voz saindo mais rápida do que eu planejava. — Eu me importo com o que você pensa. Com o que você sente.

Ela finalmente me olhou, os olhos brilhando, mas firmes.

— Eu também me importo, Enzo. Muito. Mas... foi estranho. Eu achei que a gente tava construindo algo. Aí, do nada, parecia que eu era só mais uma amiga.

Senti o coração apertar.

— Você nunca foi só mais uma amiga. Nunca.

Ela deu um sorriso pequeno, meio triste.

— Eu só... fiquei com medo de estar errada.

Dei um passo mais perto, hesitante.

— A gente ainda pode... construir. Mas eu não quero confundir as coisas, Ana. Eu quero que a gente esteja no mesmo ritmo.

Ela respirou fundo, passando a mão no rosto. Depois, sorriu de leve.

— Então vamos com calma. Mas... sem esconder nada. Promete?

Sorri de volta, aliviado.

— Prometo.

Ela deu um passo, me abraçando apertado, o rosto escondido no meu ombro. E, por um instante, tudo voltou ao lugar.

Ali, no meio do cheiro de graxa, das ferramentas e do som distante da oficina ganhando vida, eu soube: estávamos prontos para a próxima corrida.

Capítulo 17.

A segunda metade do campeonato começava e a tensão no meio do pelotão era quase palpável. Sete corridas para o fim. Cada ponto importava. Cada ultrapassagem poderia definir o campeonato.

Chegamos ao autódromo na sexta-feira, com o céu nublado e o vento forte balançando as tendas das equipes. A oficina móvel estava organizada, o carro brilhando sob a lona preta. Eu, Miguel, Ana e Pedro trocávamos olhares confiantes. Pela primeira vez na temporada, parecia que tudo estava no lugar.

O treino livre da sexta foi sólido. Pedro voltou animado para os boxes depois de cada *stint*, e Ana anotava cada detalhe nas pranchetas, os olhos atentos ao computador de telemetria. Eu ajudava na troca de pneus, mas me pegava observando Ana mais do que devia. Aos poucos, ela voltava a sorrir como antes — aquele sorriso leve, que me fazia esquecer o ronco dos motores ao fundo.

— O carro tá vivo hoje, hein — disse Pedro, tirando o capacete suado. — Equilibrado, freando bem... parece até outro carro.

Miguel bateu nas costas dele, rindo.

— Mérito nosso, né? Só faltava tu estragar na pista.

Ana riu também, e dessa vez me olhou de um jeito cúmplice. Senti uma pontada boa no peito. Estávamos reconstruindo, devagar, no tempo certo.

No sábado, a classificatória foi nervosa. As nuvens ameaçavam chuva, mas o asfalto ficou seco até o fim. Pedro encaixou uma volta fantástica no último minuto, garantindo o quinto lugar no *grid*. Quando ele saiu do carro, pulou no chão e levantou os braços.

— Aí sim, pô! — gritou Miguel, jogando uma garrafa d'água pra ele.

Ana anotava os tempos, mordendo o lábio. Quando passei por ela, puxei de leve a prancheta da mão dela.

— Feliz? — perguntei, provocando.

Ela me olhou, um pouco surpresa, mas sorriu daquele jeito que eu conhecia.

— Muito.

E, naquele instante, eu soube: a distância entre a gente estava diminuindo.

No domingo, o céu abriu, um calor inesperado caindo sobre o autódromo. A largada foi limpa, Pedro manteve a quinta posição na primeira curva, mas logo na volta seguinte já encostava no quarto lugar. E Lucas se mantinha logo atrás, pressionando.

— Pedro, foco na saída da curva três. Ele vai tentar por fora na quatro — disse Ana no rádio.

Pedro respondeu rápido:

— Tô vendo ele! Não vai passar!

Volta após volta, a batalha era tensa. Mas o carro aguentava. Nenhum problema. Nenhum susto. Quando faltavam cinco voltas, o rádio de Lucas anunciou:

— Lucas tá com problema no câmbio, tá caindo o rendimento.

Pedro acelerou. Na volta 27, ultrapassou o carro adversário a frente e abriu distância. Quando a bandeirada caiu, cruzamos em quarto lugar. Nossa melhor posição até então.

Nos boxes, comemoramos como se fosse vitória. Miguel pulou nas minhas costas, Ana gritou e abraçou Pedro apertado. Eu fiquei olhando os três, sorrindo sozinho, até Ana virar pra mim, me puxar e me abraçar também.

— Isso é só o começo — ela sussurrou no meu ouvido.

Assenti, sentindo o calor do momento.

— Eu sei.

Na tabela do campeonato, subimos para a quinta posição. A equipe de Lucas, com os problemas, ficou em oitavo na corrida e se manteve na sétima colocação. No geral, não estavam tão longe nos pontos. Pela primeira vez, estávamos com uma certa vantagem, mas ainda tinha muita corrida pela frente — e, mais do que isso, essa corrida serviu para nos deixar mais confiantes.

Aquele final de semana não foi só uma vitória na pista. Foi a prova de que estávamos prontos para mais. E, no fundo, eu sabia: entre eu e Ana, a distância estava desaparecendo, como se aos poucos encontrássemos o mesmo ritmo, a mesma marcha.

Próxima corrida: estava animado, queria uma atrás da outra. A euforia do último final de semana ainda ecoava em nós quando chegamos para a corrida seguinte. Quinta-feira à noite, estávamos de volta à oficina improvisada no autódromo, ajustando os últimos detalhes. Miguel ajeitava os dados no laptop, Ana conferia os mapas de motor e eu cuidava dos pneus ao lado do Pedro.

O clima entre nós era bom. Mais leve. Mas eu ainda percebia os momentos em que Ana desviava o olhar ou parecia hesitar antes de falar algo comigo. Eu também hesitava. Mas aos poucos, como quem aprende uma música esquecida, começávamos a retomar a sintonia.

Na sexta-feira, o treino foi consistente. O carro se comportava bem, embora o rendimento dos adversários parecesse um pouco melhor naquele circuito. Pedro voltou das voltas longas balançando a cabeça.

— Eles tão rápidos hoje... — comentou, apontando para os tempos no monitor.

— Mas nada que um bom acerto não resolva — disse Ana, confiante. Ela passou a mão no meu ombro quando falou, de um jeito natural, que me fez sorrir por dentro.

Trabalhamos até tarde, ajustando a suspensão, mexendo em detalhes aerodinâmicos. Ana me chamou para ajudá-la a revisar os sensores no carro. Ficamos os dois debaixo do carro, com lanternas.

— Sabe... — ela disse, mexendo nos cabos — eu fiquei meio... surpresa aquele dia, na praça. Mas acho que já entendi.

— Entendeu o quê? — perguntei, sem saber se queria ouvir a resposta.

Ela me olhou por baixo do carro, os olhos iluminados pela lanterna.

— Que a gente nem sempre sabe o que quer. Mas isso não significa que não podemos tentar de novo.

Fiquei em silêncio, mas sorri. E naquele sorriso, acho que ela entendeu minha resposta.

No sábado, a classificatória foi intensa. Pedro conseguiu um bom tempo, garantindo a sexta posição no *grid*. Não era o ideal, mas não estávamos mal. A equipe atrás da gente, aquela que vinha colada no campeonato — e que estava logo à frente da equipe de Lucas —, conquistou a pole.

— Eles vão vir fortes amanhã — disse Miguel, preocupado.

— Mas a gente também tá forte — respondeu Ana, olhando os dados da telemetria. — Não é porque largamos em sexto que a corrida tá perdida.

No domingo, o Sol brilhava alto no céu. A largada foi limpa. Pedro manteve a posição, mas os primeiros colocados dispararam rápido. Passamos as primeiras voltas tentando ganhar terreno, mas a vantagem da pole era grande. Na metade da corrida, Pedro conseguiu ultrapassar um adversário direto e subir para quinto, mas na última relargada, acabamos perdendo a posição de volta.

Cruzamos a linha de chegada em sexto. Não foi brilhante, mas foi sólido. E, mais importante, mantivemos uma boa vantagem sobre a equipe de Lucas — que terminou apenas em oitavo, depois de uma estratégia ruim.

No pódio, a equipe adversária comemorava a vitória. Mas, na nossa tenda, a comemoração era silenciosa, satisfeita. Ana olhou para mim enquanto desmontávamos o carro.

— Ainda estamos na frente. E vamos continuar — disse, firme.

Assenti, jogando uma chave na caixa de ferramentas.

— É. Ainda é nosso.

Na tabela do campeonato, caímos para a sexta colocação, mas a vantagem para a equipe de Lucas aumentava. Faltavam cinco corridas. A disputa só começava a esfriar, estávamos cada vez mais próximos de nos mantermos na sexta e disputarmos até pela quinta colocação.

Ainda havia cinco corridas pela frente. Mas, pela primeira vez, a temporada parecia estar nas nossas mãos.

Capítulo 18.

Depois de uma semana sem corrida, não mexemos muito no carro, não queríamos arriscar piorá-lo. Fomos para o próximo final de semana de corrida com a expectativa lá em cima, pois bastava uma ótima colocação aqui para que a equipe de Lucas não tivesse chances matemáticas de nos ultrapassar no campeonato.

No sábado, a chuva já caía fina sobre o autódromo. No treino livre, Pedro parecia se divertir na pista encharcada. “Adoro pista molhada”, ele comentou, saindo do carro com um sorriso. Ana ria, balançando a cabeça enquanto verificava os dados no notebook.

— Só você mesmo pra achar graça disso, Pedro — disse ela.

Mesmo com o asfalto traiçoeiro, conseguimos bons tempos. O acerto do carro para chuva parecia funcionar e Pedro estava confortável. Eu o observava pilotar como se a água fizesse parte da pista, deslizando no limite sem perder o controle.

A classificatória foi um espetáculo à parte.

As nuvens carregadas transformaram a sessão numa loteria. Cada volta era uma oportunidade única, porque a pista secava em alguns trechos e encharcava de novo logo depois. Pedro conseguiu uma volta mágica no meio da sessão, colocando-nos na quarta posição no *grid*.

— Isso vai dar bom, hein? — Miguel falou animado, enquanto enrolava os cabos no box.

Ana sorriu para mim, os olhos brilhando de excitação.

— Hoje ele foi brilhante — ela disse, orgulhosa.

Eu assenti, sentindo que a equipe estava finalmente encaixada. E, por um instante, esqueci os últimos meses de confusão. Estávamos no momento certo, no lugar certo.

Domingo chegou, e com ele, mais chuva.

A largada foi limpa. Pedro manteve a posição, brigando de perto com os carros à frente. Lucas, mais atrás, fazia uma corrida discreta, sem arriscar muito. A pista alternava entre trechos alagados e secando, exigindo concentração absurda.

Pedro se defendeu bem nas primeiras voltas, depois partiu pro ataque. Na volta 17, vimos no telão uma tentativa ousada: ele foi por fora, na curva mais rápida do circuito, tentando ultrapassar o terceiro colocado. Era arriscado — e bonito.

Mas então, o imprevisível aconteceu.

O carro que ele tentava ultrapassar escapou de traseira no momento em que Pedro emparelhou. Num instante cruel, a traseira do outro carro bateu na lateral do nosso. A imagem da transmissão mostrou o toque, a traseira do nosso carro levantando... e, num giro lento e aterrorizante, Pedro capotando uma vez antes de parar na grama, com as rodas finalmente no chão.

Meu coração parou. Ana gritou. Miguel jogou os fones no chão.

A bandeira vermelha foi acionada na mesma hora. Corremos até a grade, esperando ver um movimento no cockpit. E vimos: Pedro tirou o volante, abriu o cinto e saiu mancando, acenando para os fiscais. Um corte pequeno na testa, um braço machucado — mas estava bem.

O carro... não. O carro estava destruído.

No box, o silêncio era pesado. Ana chorava baixinho, sentada no chão, o rádio ainda na mão. Miguel tentava calcular mentalmente o que seria necessário para reconstruir. Eu fiquei olhando as imagens na TV, repetindo o acidente em *looping*.

A corrida recomeçou depois da limpeza da pista. Lucas, que vinha atrás, ganhou duas posições de graça com o acidente. Terminou em terceiro, e com isso, a diferença de pontos no campeonato diminuiu perigosamente, estávamos com uma vantagem de 18 pontos, e de repente, eles encostaram, com uma diferença de 8 pontos.

Pedro chegou no box já com o braço imobilizado. Sorriu torto pra gente.

— Idiota! Se não aguenta, segura o carro e não força. — resmungou.

Eu, Ana e Miguel, olhávamos para ele preocupados, quando ele percebeu, fez questão de fazer alguma piada para nos acalmar.

Foi bonito, pelo menos? — ele perguntou.

Ana riu entre as lágrimas.

— Foi idiota. Mas foi lindo.

Miguel respirou fundo, batendo as mãos nas pernas.

— Vamos precisar trabalhar dobrado agora.

Miguel falava isso, mas com toda certeza era o mais preocupado com Pedro dentre nós três.

Olhei para o carro, ou o que sobrou dele, sendo trazido de volta no caminhão. Entre as peças tortas, e a carroceria quebrada e o cheiro de óleo queimado, vi o desafio que nos esperava.

— Ainda temos quatro corridas — falei, mais pra mim do que pros outros.

Ana me olhou, os olhos ainda vermelhos.

— E um carro pra reconstruir.

Miguel assentiu.

— Mas a gente vai voltar. A gente sempre volta.

E naquele instante, eu soube: o resto da temporada seria uma batalha não só na pista, mas também dentro da oficina, na nossa capacidade de colocar aquele carro de volta onde ele merecia estar.

O campeonato ainda estava vivo. E a nossa luta, também.

Capítulo 19.

O carro voltou da pista destruído. A traseira amassada, a suspensão pendurada como ossos quebrados, a asa traseira feita em pedaços. Olhar pra ele na oficina era como encarar um velho soldado que voltou da guerra, mas não inteiro.

Na segunda-feira, nos reunimos cedo. Miguel abriu as portas e ficou ali parado, olhando para a carcaça do carro.

— Vai dar trabalho. — ele disse.

Ana passou a mão na lataria amassada, como se pudesse sentir as dores do carro.

— Mas a gente vai conseguir.

Passamos o dia desmontando as partes irrecuperáveis. Eu e Ana cuidávamos da parte dianteira, enquanto Miguel se concentrava na estrutura traseira. Pedro, ainda de braço imobilizado, dava orientações, mesmo frustrado por não poder ajudar mais.

A oficina virou um caos organizado: peças espalhadas pelas mesas, caixas abertas, ferramentas por todos os lados. Ana foi buscando, uma por uma, as peças de reposição que havíamos guardado ao longo do ano — aquelas trocadas em manutenções preventivas, descartadas por serem “não tão boas quanto novas”, mas agora nossa única opção.

— Essa caixa de direção... dá pra aguentar? — perguntei, segurando a peça.

Ana pegou da minha mão, girou, olhou contra a luz.

— Não é a ideal. Mas com alinhamento certinho... aguenta até o fim da temporada.

Ela me olhou por cima da peça, com um sorriso cansado. O cabelo preso, algumas mechas soltas pelo rosto. Tão bonita mesmo no meio da sujeira de graxa.

— O que foi? — ela perguntou, rindo.

— Nada. Só... você tá linda.

Ela riu mais alto, empurrando meu ombro com o cotovelo.

— Bobo. Vai, pega aquela chave 10 pra mim.

Trabalhamos até a noite. O carro começou a tomar forma de novo, ainda que remendado. Sabíamos que o desempenho não seria o mesmo. Mas havia um certo orgulho em reconstruir com as próprias mãos.

Por volta das dez, Miguel e Pedro decidiram ir embora.

— Amanhã a gente continua. — Miguel falou, bocejando.

Ficamos só eu e Ana. A oficina silenciosa, só o som metálico das ferramentas ecoando. Ana limpou as mãos no macacão e se sentou no chão, encostada na pilha de pneus. Suspirei, me sentando ao lado dela.

— Tá exausta, né? — perguntei.

— Muito. Mas... feliz. — ela disse, apoiando a cabeça no meu ombro.

Ficamos ali alguns minutos, olhando pro carro, pro que havíamos feito. Depois, Ana se levantou devagar.

— Vou pra casa... — ela disse, e hesitou. — Quer ir comigo?

Olhei pra ela.

— Tem certeza?

Ela deu um meio sorriso.

— Acho que já tá na hora, né?

Mandei uma mensagem rápida pra minha mãe: “*Vou dormir na casa de um amigo, não volto hoje.*”

No caminho até a kitnet, andamos de mãos dadas, calados. Quando chegamos, Ana jogou a mochila no sofá e foi direto pro banheiro. Antes de fechar a porta, me olhou por cima do ombro.

— Vem também.

Fiquei parado por um segundo. Então segui atrás dela, rindo baixinho.

A água quente caía sobre nós dois, lavando a graxa, o cansaço, os últimos dias. Ela encostou as costas no meu peito, minhas mãos na cintura dela. Um silêncio confortável, quebrado só pelo som da água.

Quando saímos, Ana vestiu um moletom velho, e eu uma camiseta emprestada dela. Nos jogamos na cama dela, rindo de coisas bobas, de piadas internas, das histórias da equipe.

— Acha que a gente vai conseguir terminar a temporada? — perguntei, já com os olhos pesados.

Ana virou de lado, me encarando.

— Não sei. Mas... com você do meu lado? Eu quero tentar.

Fechei os olhos, sentindo o calor dela perto. E, por uma noite, deixamos os problemas na oficina.

Na manhã seguinte, acordei com o Sol entrando pela janela da kitnet. Ana ainda dormia, enrolada nos lençóis, o rosto tranquilo, diferente da intensidade dos últimos dias.

Levantei devagar, tentando não acordá-la. Olhei ao redor: peças de livros da faculdade, fotos antigas pregadas na parede, um cheiro leve de café que ainda pairava do dia anterior. Era o mundo dela, um mundo que agora eu começava a conhecer mais de perto.

Peguei meu celular. Mensagens do grupo da equipe já pipocavam. Miguel chegou cedo na oficina, Pedro estava indo também. Suspirei, vestindo a mesma camiseta da noite anterior. Ana abriu os olhos devagar, me olhando sonolenta.

— Já vai? — perguntou.

— Tá quase no horário da aula já.

Ela sorriu de canto.

— Vou logo depois.

Saí dali com uma estranha sensação no peito: um misto de paz e urgência. O campeonato não ia esperar.

Na oficina, o clima era outro. O carro não estava pronto, ainda que com suas cicatrizes expostas. Pedro limpava os adesivos da lateral, Miguel ajustava algo no motor. Quando cheguei, eles me olharam.

— Dormiu bem? — Miguel perguntou com um sorriso maroto.

— Dormi. — respondi, sem graça.

Pedro deu um leve risinho.

— Bora, Casanova, pega a chave ali e me ajuda.

Trabalhamos até a noite. Cada parafuso apertado, cada peça montada, era uma pequena vitória. O carro podia não ser o mesmo de antes, mas era nosso. E ele ia voltar pra pista.

Na quinta-feira, embarcamos para o autódromo da próxima etapa. A chuva era uma promessa no horizonte, o céu carregado no noticiário. No caminhão, Pedro olhava pra frente, sério.

— Pronto pra voltar? — perguntei a ele.

Ele assentiu, firme.

— Mais do que nunca.

Ana se sentou ao meu lado no banco do caminhão, encostando a cabeça no meu ombro.

— Agora, é a gente contra tudo.

Mas o campeonato ainda estava lá fora, esperando. E a contagem seguia: faltavam quatro corridas.

Capítulo 20.

A semana foi um turbilhão. As noites na oficina pareciam não ter fim. Usávamos cada parafuso guardado, cada peça esquecida no fundo das prateleiras, cada ideia improvisada para devolver ao carro um mínimo de competitividade. Mas sabíamos: com peças defasadas, estávamos indo para uma guerra com espadas de madeira.

Quando chegamos ao autódromo, o clima era tenso. As outras equipes pareciam maiores, melhores, mais afiadas. Carros brilhantes, novidades técnicas, enquanto o nosso... bom, o nosso era um mosaico de tudo que havíamos descartado ao longo do ano.

— Vai ser uma corrida no braço, Pedro. — disse Miguel, depois de revisar os últimos dados no box.

Pedro respirou fundo, encarando o carro como quem encara um velho amigo antes de uma briga difícil.

No treino livre, o resultado foi o esperado: 15º lugar. Pedro fazia milagres para manter o carro na pista, corrigindo saídas de frente, segurando traseiradas nas curvas. A cada volta, Ana mordia a tampa da caneta, anotando tudo no caderno.

— Estamos no limite do que dá pra extrair. — comentou ela.

Eu apenas assenti, vendo Lucas passar veloz no final da reta, o carro dele estável, confiante, cortando o vento como uma flecha.

A classificação foi amarga. Mesmo com todos os ajustes, Pedro só conseguiu o 14º tempo. Lá na frente, Lucas cravou o 5º lugar no *grid*. A diferença entre nós parecia ainda maior ali, estampada no cronômetro.

Na noite anterior à corrida, ficamos no box até tarde, checando e rechecando cada detalhe. Antes de ir embora, Ana encostou no meu ombro.

— Vamos dar tudo amanhã.

Sorri de lado.

— A gente sempre dá.

Domingo amanheceu nublado, o vento trazendo cheiro de chuva, mas sem promessa de água. Pedro alinhou o carro no *grid*, tenso, concentrado.

As luzes se apagaram e eles foram, uma largada sem incidentes, mas em poucas voltas vimos o que já temíamos: não havia como lutar no ritmo das outras equipes. Pedro defendia, brigava, mas era ultrapassado nas retas, sem potência para reagir.

Na volta 28, o rádio foi seco:

— Não tenho mais pneu. Nem tração. Tô segurando no braço.

Miguel apenas respondeu:

— Faz o que der.

Pedro cruzou a linha de chegada em 12º, fora da zona de pontos. Sentado no muro, vimos Lucas receber a bandeirada em 5º lugar, somando mais dez pontos preciosos.

Olhei o celular. A classificação atualizada mostrava o inevitável: a equipe de Lucas estava agora apenas um ponto atrás da gente no campeonato.

Pedro desceu do carro, tirando o capacete com um olhar cansado.

— Fiz o que deu.

— A gente sabe. — disse Miguel, batendo no ombro dele.

Ana ficou ao meu lado, os braços cruzados. Olhou para mim com aquele meio sorriso determinado.

— Ainda temos três corridas.

Eu respirei fundo, observando as equipes comemorando ao redor.

— Três corridas... e um ponto.

O Sol começava a se pôr atrás das arquibancadas, tingindo o céu de laranja. Voltamos para o caminhão em silêncio, mas com algo queimando por dentro. Ainda não tinha acabado.

Faltavam três corridas.

Na corrida seguinte, chegamos no autódromo com o coração oprimido. Cada volta parecia uma corda mais apertada no pescoço da equipe. O carro ainda carregava as cicatrizes da reconstrução — pintura remendada, peças mais gastas do que gostaríamos de admitir. Mas estávamos lá. Faltavam três corridas. Três batalhas. E precisávamos de todas.

O treino livre foi um *déjà vu* da corrida anterior. Pedro lutava com o carro e cada ajuste parecia apenas amenizar um problema, nunca resolver. Assistimos, frustrados, enquanto os tempos vinham altos. Lucas? Estava lá na frente de novo, andando firme, confiante.

Na classificação, Pedro fez o possível, mas o possível não era o bastante. P11. Quando ele tirou o capacete, olhou para Miguel com um sorriso sem graça.

— Tá difícil.

Miguel só passou a mão no rosto, exausto.

— Amanhã a gente vai no braço, então.

O clima entre a equipe era de tensão contida. Ana mexia no caderno de anotações compulsivamente, murmurando coisas sobre pressão de pneus, sobre aerodinâmica, sobre torque. Eu tentava animá-la, mas até meu otimismo parecia escasso.

Domingo chegou com sol forte, como se o calor pesasse ainda mais sobre a gente. Pedro alinhou no *grid* com o olhar sério, focado. No rádio, Miguel disse:

— Respira. Corre leve. Faz tua corrida.

Largou bem Pedro, até ganhou uma posição na primeira curva. Mas nas retas... não havia resposta. O motor parecia sufocado. Lentamente fomos caindo, caindo... até que, na volta 19, a voz de Pedro estourou no rádio:

— Perdi potência! O motor tá falhando!

Miguel bateu a mão na mesa.

— Traz de volta, devagar.

Mas não deu tempo. Na reta oposta, uma nuvem de fumaça se ergueu do carro. Pedro encostou, desligou tudo, e ficou parado ali, sentado dentro do cockpit por longos segundos antes de sair.

A câmera da transmissão pegou a imagem: o carro parado, a fumaça dissipando, Pedro tirando o capacete e jogando no chão.

Voltamos ao box em silêncio. O rádio ainda informava: Lucas cruzava a linha de chegada em quinto. Mais sete pontos pra ele.

Peguei o celular. Abri a calculadora e fui ver quanto nos custaria. Os números pareciam gritar na tela: Ficaríamos 6 pontos atrás. Toda a vantagem que conquistamos tinha ido por água abaixo por conta do acidente.

Miguel respirou fundo e passou a mão na nuca.

— A gente vai ter que fazer mágica nessas duas últimas.

Ana olhou pra mim. Eu vi cansaço, frustração... mas também uma faísca.

— Ainda não acabou. — disse ela.

Eu dei um sorriso cansado.

— Não. Ainda não acabou.

O Sol se punha no autódromo, tingindo tudo de vermelho. Era como se o próprio campeonato dissesse: “última chance.”

Faltavam duas corridas.

Capítulo 21.

Voltamos para a oficina no dia seguinte. Era como voltar a um campo de batalha destruído, onde cada peça espalhada pelo chão lembrava a corrida perdida. O carro estava lá, desmontado mais uma vez. E a gente também — desmontados por dentro, tentando juntar forças que já pareciam esgotadas.

Pedro chegou antes de todo mundo. Estava encostado no carro, mexendo no celular, o olhar perdido. Quando entramos, ele jogou o celular no banco e passou as mãos no rosto.

— A gente tá afundando. E ninguém consegue parar.

Miguel soltou uma risada seca.

— Ainda tem duas corridas, Pedro. Não vai morrer na praia agora.

— É, mas se a gente terminar mais uma corrida fora dos pontos a gente cai pra nono no campeonato, aí esquece equipe pro Enzo e pra Ana ano que vem.

Fiquei muito surpreso, não imaginava que Pedro se importava comigo e com Ana em relação a mantermos a equipe para o ano que vem

Pedro olhou pra Ana, depois pra mim, depois pro carro.

— Eu só tô cansado. Cansado de fazer tudo certo e mesmo assim as coisas darem errado. — chutou uma roda solta no chão. — Parece que a gente corre contra o mundo.

Ana cruzou os braços, respirou fundo.

— Então vamos fazer o mundo correr atrás da gente.

Pedro balançou a cabeça, riu sem humor. Mas, aos poucos, foi se aproximando da bancada de ferramentas. Pegou uma chave e começou a desmontar um dos braços da suspensão. Era o jeito dele de dizer “tô dentro”.

Passamos horas ali. Cada peça era revista, cada parafuso reapertado. Trocamos a bomba de combustível, mexemos na geometria da suspensão,

adaptamos as entradas de ar. Tentávamos tirar milésimos que talvez nem existissem mais naquele carro cansado.

Eu trabalhava lado a lado com Ana, e às vezes nossos olhares se encontravam no meio da confusão de peças e ferramentas. Ela sorria, cansada, mas determinada. Eu me perguntava, por dentro, como ainda conseguíamos sorrir.

Em um momento, Miguel limpou as mãos num pano sujo e falou:

— Se a gente conseguir mais dez cavalos aqui, juro que eu tatuo o nome do carro no braço.

Pedro riu pela primeira vez no dia.

— Vai tatuar “milagre”, então.

A noite chegou e ninguém quis ir embora. Era como se largar o carro ali fosse um abandono. Ana ligou uma caixinha de som e botou uma *playlist* velha. No canto, Pedro cochilava sentado no chão, abraçado a um pneu *slick*.

Olhei pra Ana, ela olhou de volta. Sabíamos que estávamos exaustos. Mas também sabíamos que, no fundo, ainda não tínhamos desistido.

E ali, naquele espaço apertado e cheio de óleo, eu percebi: o carro não era só um monte de peças. Era tudo o que tínhamos construído juntos. Nossa história, nosso suor, nossas brigas e nossos sonhos.

Miguel desligou a luz da oficina, deixando só os refletores sobre o carro.

— Amanhã a gente vê se ele ainda sabe correr.

Saímos dali em silêncio, com um fio de esperança pendurado no ar.

Era tudo ou nada. A penúltima corrida da temporada chegou e tinha um peso que nenhuma outra carregou até agora. Se ficássemos fora dos pontos, a situação seria praticamente irreversível. A equipe cairia para a nona colocação no campeonato — e pior: sem patrocínio, sem verba, talvez sem futuro. A simples ideia de ver tudo aquilo acabar... doía.

Na sexta-feira, a tensão já tomava conta da oficina da faculdade. Cada parafuso apertado, cada ajuste no carro era feito como se fosse o último. Pedro estava focado, quase calado. Ana, atenta em cada detalhe, mexendo nas planilhas, nos ajustes aerodinâmicos, trocando olhares rápidos comigo. Miguel tentava animar o ambiente, mas até ele estava mais sério do que o normal.

Sábado. Classificatória.

A pista estava quente, seca, mas traiçoeira. Pedro fez o que podia, tirou tudo do carro... e marcou apenas o nono tempo. Não era ruim, mas também não era o suficiente. Lucas, por outro lado, conseguiu o sexto lugar no *grid*. E para piorar, as equipes logo atrás de nós no campeonato largariam em sétimo e oitavo. Quatro equipes, três posições no campeonato. Era uma guerra declarada.

Quando Pedro voltou dos boxes, tirou o capacete e olhou para a tabela de tempos, balançou a cabeça, frustrado. Ana apertou seu ombro e disse:

— Amanhã a gente resolve. Você vai buscar.

Pedro não respondeu, apenas respirou fundo.

O Sol ainda nem tinha surgido direito e eu já estava acordado. A equipe chegou cedo no autódromo. Checamos tudo mais uma vez. O rádio. A pressão dos pneus. O nível de combustível. Cada detalhe.

Na volta de apresentação, já dava pra ver que ia ser uma corrida suja. Pilotos agressivos, empurrando limites. Quando as luzes se apagaram, o rugido dos motores engoliu o ar. Pedro largou bem, pulou para oitavo ainda na primeira curva. Lucas manteve a sexta posição, enquanto o sétimo colocado parecia ser o elo fraco — nervoso, defendendo de forma errática.

As primeiras voltas foram um xadrez em alta velocidade. Pedro colado no sétimo, esperando uma brecha. Lucas ali na frente, controlando o ritmo, mas sendo constantemente atacado. Eu, da mureta dos boxes, com o rádio na mão, acompanhava cada parcial no telão, cada atualização de Ana no laptop ao meu lado.

— Tá perto demais, Enzo — disse Ana, mordendo o lábio.

— Ele tá esperando o erro — respondi. — Só não pode errar junto.

Volta após volta, Pedro tentava. Mostrava o carro de um lado, espiava por outro. O sétimo colocado fechava todas. Lucas, um pouco mais à frente, começava a perder ritmo. Estava claro que ele segurava o pelotão para ajudar a equipe dele. Estratégia suja, mas válida.

Faltando cinco voltas. A tensão era palpável. Eu mal respirava. Pedro ainda colado no sétimo. Lucas começando a se defender mais desesperadamente. E então, na curva mais apertada do circuito, aconteceu.

O sétimo mergulhou por dentro de Lucas. Tarde demais, Lucas fechou a porta. O toque foi inevitável. Um estalo seco ecoou pela pista. Os dois rodaram juntos. Pneus cantaram. Uma nuvem grossa de fumaça subiu no ar. Por um segundo, tudo sumiu atrás daquele nevoeiro.

— Pedro, cuidado! CUIDADO! — gritei no rádio, mesmo sabendo que ele já tinha visto.

E então, da fumaça, emergiu o nosso carro. Pedro havia desviado no último instante, jogando o carro por fora, escapando da armadilha, assumindo o sexto lugar.

A equipe explodiu aos gritos. Eu, Ana, Miguel — todo mundo gritando, pulando, abraçando quem estava perto. Pedro, pelo rádio:

— TÔ VIVO! Repito: tô vivo!

As últimas voltas foram um teste de nervos. Pedro manteve a posição, controlando a distância de quem vinha atrás. Quando cruzou a linha de chegada, paramos de respirar por um instante. Era sexto lugar. Pontos vitais. E mais: impossível cair para a oitava colocação no campeonato agora.

Lucas, depois do toque, ainda terminou, mas bem atrás. A diferença no campeonato caiu para apenas um ponto.

Pedro parou o carro nos boxes, tirou o capacete e olhou pra gente. Sorriso cansado, olhos molhados de suor e alívio. Ana correu até ele e o abraçou apertado. Eu cheguei logo depois.

— Você foi gigante, irmão — falei, batendo nas costas dele.

Pedro sorriu.

— Agora... agora vai ser no detalhe.

Eu olhei para a equipe. Todos ali, suados, exaustos, mas com um brilho no olhar. O brilho de quem sabe que faltava uma corrida. Apenas uma.

E tudo ia ser decidido na última dança.

Capítulo 22.

Última corrida da temporada.

O autódromo vibrava como um organismo vivo. Gritos da torcida, os motores aquecendo, o calor irradiando do asfalto. Era como se tudo ao nosso redor pulsasse com a mesma ansiedade que sentíamos no peito. Pedro largaria em oitavo. Lucas, logo à frente, em sétimo. E a equipe rival, aquela que podia nos tirar da sétima colocação do campeonato, vinha em nono.

— Hoje é guerra, Enzo. Guerra de verdade — disse Ana, ao meu lado, ajustando os óculos de sol enquanto olhava para o *grid*.

A largada foi feroz. Pedro conseguiu segurar sua posição, mas Lucas imediatamente fechou todas as portas. A equipe rival, com um carro ligeiramente mais rápido, atacava por dentro, forçava cada brecha. Por algumas voltas, os três estavam trancados numa batalha frenética, lado a lado, como se a pista tivesse encolhido.

Até que, na volta 12, ouvimos pelo rádio um som seco, e logo a TV mostrou: o carro da equipe rival estava parado, fumaça saindo do motor.

No box, olhamos uns para os outros. Por um segundo, ninguém falou nada, até que Miguel estourou em um grito:

— QUEBROU! QUEBROU!

Ana soltou um riso nervoso, as mãos na boca, e eu me peguei batendo palmas, sem nem perceber. Nos abraçamos, ainda sem acreditar. Miguel girava no próprio eixo, pulando, vibrando como uma criança.

— A SÉTIMA COLOCAÇÃO É NOSSA! — ele gritava, e até os mecânicos batiam palmas, alguns se abraçando, outros erguendo os punhos no ar.

Era como se tivéssemos marcado um gol no último minuto de um campeonato. O peso que carregávamos o ano inteiro desabava naquele instante.

Mas no rádio, a voz de Pedro soava diferente.

— Foco, gente. Eu ainda tô aqui. Ainda tenho uma conta pra acertar.

Porque, para ele, ainda restava Lucas.

As voltas seguintes foram um duelo particular. Lucas defendia com agressividade, bloqueava cada tentativa de Pedro. Tocaram rodas na curva 3. Pedro tentou o X na curva 5. Na curva 7, quase saíram lado a lado na grama.

Na volta 22, o *safety car* embaralhou tudo. O pelotão se juntou de novo, como um grande laço apertado. Pedro respirava fundo no rádio.

— Eu vou buscar ele.

A relargada foi uma explosão. Pedro mergulhou na primeira curva, Lucas trancou. Tentou por fora, Lucas empurrou. Tentou por dentro, Lucas fechou. Os dois dançavam no limite do contato, uma batalha crua, tensa, implacável.

Duas voltas para o fim. Um toque. Os dois saíram da pista na curva 5, um mar de poeira e cascalho levantado no ar. Voltaram mancando, os carros tremendo, os pneus gritando. E mesmo assim, seguiam lado a lado, como se estivessem acorrentados um ao outro, incapazes de se separar.

Na última curva, Pedro tentou tudo. Jogou o carro por fora, o motor berrando, os pneus deslizando. A linha de chegada se aproximava.

Lucas cruzou primeiro. Por menos de meio carro.

Nos boxes, comemorávamos. Ana chorava de alegria, Miguel pulava, os mecânicos se abraçavam como se o mundo tivesse parado ali. Havíamos garantido o sétimo lugar no campeonato, salvado a equipe. Eu ria, chorava, gritava com Ana, como se tivéssemos vencido tudo.

Mas, quando olhei para a pista, vi Pedro saindo do carro. Ele tirou o capacete devagar, os olhos baixos. Caminhou até o muro, apoiou os braços ali, olhando para o asfalto vazio à sua frente.

Conseguimos, Pedro. A equipe tá salva. Fizemos história.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, os olhos ainda fixos no vazio. Fui até ele. Toquei seu ombro.

Então, um sorriso cansado surgiu, pequeno, tímido.

— Eu sei, Enzo. Eu sei... — ele murmurou. E então suspirou, pesado. — Mas... eu queria ter ganhado dele. Só isso.

Ficamos ali, os dois olhando a pista, sentindo o calor do asfalto subindo, o cheiro de pneu queimado ainda no ar. A temporada tinha terminado. A equipe estava salva. Mas dentro de Pedro, não havia sido o suficiente.

Capítulo 23:

O ano tinha chegado ao fim. A oficina estava estranhamente silenciosa naquela noite, como se segurasse a respiração. As ferramentas guardadas, os armários fechados, o carro já limpo, descansando no centro do galpão como um guerreiro depois da batalha. Era a primeira vez, em meses, que não havia barulho de chave inglesa, estalos de solda ou cheiro de graxa no ar. Só o silêncio, e a luz amarelada que pendia do teto, iluminando o carro.

Pedro estava sentado no banco da frente, o capacete no colo, passando a mão pelo volante com carinho, como se se despedisse. Miguel, mais quieto do que o habitual, arrumava uma caixa de ferramentas, mas os olhos estavam distantes.

Ana e eu observávamos os dois. Era difícil acreditar que, depois de tudo que passamos juntos, de tantas noites viradas, corridas insanas, quebras, vitórias, derrotas, risos, choros, aquele seria nosso último momento juntos ali, naquela configuração.

Pedro respirou fundo, se levantou, deu dois tapinhos carinhosos no capô do carro e virou pra nós.

— É isso, pessoal. Chegou a hora.

Ana sorriu de leve, mas os olhos brilhavam. Miguel largou a caixa de ferramentas no chão e veio até nós, abrindo os braços.

— Vem cá, seus malucos.

Nos abraçamos, os quatro, apertados, como se não quiséssemos soltar. Ficamos ali por longos segundos, num silêncio cheio de significado.

— Eu não sei o que vai ser da gente ano que vem... mas eu sei que essa equipe... — Miguel falou, com a voz embargando — essa equipe vai continuar. E vai ser maior ainda. Porque o que a gente construiu aqui ninguém tira. Ninguém.

Pedro se afastou, me estendendo a mão. Eu apertei firme, e ele puxou num meio abraço.

— Cuida bem disso, Enzo. Esse carro... essa oficina... esse sonho. Agora é contigo.

— Pode deixar. — falei, sentindo o nó apertar na garganta.

Pedro pegou a mochila, olhou uma última vez para o carro, e sorriu. Miguel foi atrás dele, mas parou na porta, virou-se e gritou:

— Ei! Promete que vão ganhar uma corrida por mim no ano que vem!

Ana riu entre as lágrimas. Eu levantei o polegar.

— A gente promete, Miguel. A gente promete.

Eles foram embora, caminhando devagar pela rua escura, mochilas nas costas, sumindo no silêncio da noite. Eu e Ana ficamos parados na porta, vendo-os desaparecer. Ela encostou a cabeça no meu ombro.

— Agora é só a gente, Enzo.

Eu respirei fundo, olhando de novo para o carro no centro da oficina. Estava todo iluminado pela única luz acesa, pendurada bem acima dele, lançando um brilho quente e suave, como um farol solitário no meio da escuridão.

— A gente apagou todas as luzes da oficina... mas deixou essa acesa. — falei, baixo, quase para mim mesmo. — Como se dissesse, pra quem olhar: ainda não acabou. Ainda tem muita história para acontecer aqui.

Ana sorriu, apertando minha mão. Demos um último passo pra fora. Fechei a porta devagar, ouvindo o eco suave do trinco se fechando.

Lá dentro, sob aquela única luz, o carro esperava. Pronto. Silencioso. Firme.

Porque, apesar de tudo, o sonho ainda estava ali.